



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS-IHL
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

ISAQUE ALMEIDA DA SILVA

**O PAPEL EDUCACIONAL DO PROFESSOR COMO EDUCADOR CRÍ-
TICO NA MUDANÇA E FORMAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS.**

**REDENÇÃO
2017**

ISAQUE ALMEIDA DA SILVA

O PAPEL EDUCACIONAL DO PROFESSOR COMO EDUCADOR CRÍTICO NA MUDANÇA E FORMAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS.

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras- IHL da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Marcos de Sousa da Silva.

REDENÇÃO

2017

ISAQUE ALMEIDA DA SILVA

O PAPEL EDUCACIONAL DO PROFESSOR COMO EDUCADOR CRÍTICO NA MUDANÇA E FORMAÇÃO SOCIAL DOS ALUNOS.

Monografia apresentada ao Curso de Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidades e Letras- IHL da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Aprovada em 28/12/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Marcos de Sousa Silva (Orientador) Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

AGRADECIMENTOS

À Deus.

Aos meus pais, Antônio Roberto e Eliane.

Ao meu orientador, Antônio Marcos pela excelente orientação e pelas reflexões, críticas e sugestões recebidas.

À minha cunhada pelas contribuições de sua longa apreciada experiência como docente.

Aos professores participantes da Banca examinadora Igor Monteiro Silva e Caio Monteiro Silva pelo tempo pelas valiosas colaborações e sugestões. Aos professores entrevistados pelo tempo concedido nas entrevistas, à Diretoria e Coordenadoria da escola Camilo Brasiliense pelo apoio na pesquisa e pela concessão de materiais para análise.

RESUMO

A educação como meio mais eficaz de transformar a realidade social e a importância do professor nesse processo é a abordagem principal desse trabalho, estabelecendo ainda uma relação com algumas hipóteses, dentre as quais estão: O aspecto de mudança da educação, a escola como ambiente onde é possível se transformar pessoas incompletas através do processo da completude (FREIRE). No interior da sala de aula é onde acontece as relações sociais, de classe, racistas, e homofobias, os alunos mostram na sala o que são na sociedade, portanto, é importante o uso da sala para a formação social e educacional dos alunos. Partindo do pressuposto da relevância do professor como agente que perpassa e intermedia essa transformação social, foi realizada uma entrevista na escola Camilo Brasiliense no Distrito de Antônio Diogo com alguns professores, objetivando entender a visão desses de sua responsabilidade e compromisso com a transformação social. Procurou-se estabelecer uma abordagem que passa pelas antigas e novas formas de educar (LIBÂNEO) e fazendo relação com o papel profissional do professor, que cada vez mais se torna abrangente, iniciando por essa reflexão da educação como instrumento da transformação é que se propõe desenvolver esse tema. Haja vista as adversidades que o profissional da educação enfrenta, buscou-se formular uma entrevista simples, mas que passasse pelos pontos mais cruciais à pesquisa, mas que será desenvolvida em continuação da pesquisa. A escola é fruto de uma necessidade própria da sociedade, a necessidade de educar-se, o professor é o agente educacional que possibilita a mudança. No entanto, sua atuação depende da contribuição dos discentes, pois o processo do ensino deve manter sua base no desenvolvimento mediante os conhecimentos já adquiridos pelo aluno dentro de sua vida social. Há, por conseguinte, uma necessidade crítica na atuação deste que precisa se perpetuar ativamente na sua atividade escolar. Ao pesquisar a bibliografia sobre o tema e relacioná-la com os dados colhidos na entrevista chegou-se à conclusão de que a escola é fruto da necessidade do ser humano de educar, e que o fator histórico influencia a educação. O

professor, para tanto, é o profissional que não se pode dispensar ao ensino. Quanto a ele, concluiu-se que seu papel é necessário se resignificar, pois sem ele não educação, não há ensino e nem transformação.

Palavras-chaves: Escola, professor, criticidade.

ABSTRACT

Education as a more effective means of transforming social reality and the importance of teachers in this process is the main approach of this work, establishing a relation with some hypotheses, among which are: The aspect of changing education, the school as environment where it is possible to transform incomplete people through the process of completeness (FREIRE). Inside the classroom is where social, class, racist, and homophobia occur, students show in the classroom what they are in society, so it is important to use the classroom for the social and educational formation of students. Based on the assumption of the teacher's relevance as an agent that permeates and intermediates this social transformation, an interview was conducted at the Camilo Brasiliense school in the District of Antônio Diogo with some teachers, aiming at understanding their vision of their responsibility and commitment to social transformation. An attempt was made to establish an approach that goes through the old and new ways of educating (LIBANEO) and in relation to the professional role of the teacher, which increasingly becomes comprehensive, beginning with this reflection of education as an instrument of transformation is that pro "You must develop this theme. Given the adversities that the education professional faces, we sought to formulate a simple interview, but that goes through the most crucial points to the research, but that will be developed in continuation of the research. The school is the fruit of a society's own need, the need to educate itself, the teacher is the educational agent that enables change. However, its performance depends on the contribution of the students, because the process of the en-sino must maintain its base in the development through the knowledge already acquired by the student within his social life. There is, therefore, a critical need in

the performance of this activity that needs to be actively pursued in its school activity. When researching the bibliography on the subject and relating it with the data collected in the interview, it was concluded that the school is a result of the human being's need to educate, and that the historical factor influences education. The teacher, therefore, is the professional that can not be dispensed with teaching. As for him, it has been concluded that his role is necessary to be resigned, because without him no education, there is no teaching and no transformation.

Keywords: School, teacher, criticality.

SUMÁRIO

- 1** **Introdução**
- 2** **Escola, criticidade e o papel do professor**
- 2.1** **Uma genealogia do fazer pedagógico tupiniquim: entre o tradicional e o Novo.**
- 2.2** **Entre o agir crítico e o tradicional: a escola Camilo Brasiliense em um novo contexto**
- 3** **Ser professor na contemporaneidade**
- 3.1** **Antigas e novas formas de atuação pedagógica**
- 3.2** **Adeus professor ou multiprofessor?**
- 3.3** **As percepções dos professores (CB) em relação às adversidades do mundo escolar**

- 4** **A prática pedagógica do professor crítico**
- 4.1** **A sala de aula ou aula na sala: como construir reflexões crítico-pedagógicas?**
- 4.2** **Educar para transformar ou transformar para educar?**
- 4.3** **Qualidades ou ethos do profissional comprometido com a criticidade?**
- 5** **Considerações finais**
- 6** **Referências bibliográficas**
- 7** **Anexos**

1. INTRODUÇÃO

A mudança e a transformação são de alta relevância ao processo de desenvolvimento social. E nunca se percebeu tanto o valor da educação como ferramenta do desenvolvimento; a ação de educar pode ser considerada uma das mais importantes tarefas do homem. Sendo que dentre as muitas profissões, essa se destaca por sua beleza e profundidade de atuação. Pois ser professor não é uma tarefa fácil, lidar com pessoas de formas de pensar distintas, em fases de maturidade distintas e que vivem contextos sociais diferentes se torna um trabalho árduo e para a educação acontecer é necessário da parte do profissional da educação paixão pelo o trabalho que desempenha.

Entender que ensinar não é simplesmente o repasse de conhecimentos teóricos, mas ser crítico e mostrar a aplicação do saber na vida em sociedade. Ser professor é exercer, assim, várias profissões em uma só, é formar pessoas para o mercado e para a vida em sociedade. A consequência da ausência da educação causa muitos males a vida social de um modo geral, o indivíduo se sente em outro mundo, deslocado da realidade social que ver diante de si, além do mais, para conquistar seu lugar à sombra é necessário se encaixar em um sistema que dita o consumo exacerbado, e princípios capitalistas de desenvolvimento.

Dentro desse contexto, essa pesquisa tem como foco entender o papel crítico do professor nessa circunstância, pois se reconhece a relevância de sua atuação para a sociedade como um todo. São feitas reflexões que visam a melhoria do ensino e aprendizagem, a reflexão nesse momento da educação no País é importantíssima, pois se deve refletir se as decisões e projetos que estão sendo elaborados, ou seja, compreende-los de modo a perceber se são realmente benéficas à educação dos nossos alunos, afinal, pensar a educação nesse sentido também é necessário para entender os fenômenos sociais que a envolvem, pois se mostra importante ao interesse humano, social, político e econômico.

Assim perceber os contextos que prejudicam a aprendizagem nos atuais parâmetros da educação, por exemplo, impedindo, desse modo, o avanço do País em âmbito científico e tecnológico, mas também na formação de pensadores nacionais, que sejam pessoas pensantes por si mesmos, os José de Alencar,

Machado de Assis e Gregório de Matos do futuro. Portanto, propõe-se aqui, pesquisar o fenômeno educacional proposto através de um sentido social primeiramente, objetivando entender a influência da Escola e principalmente do Professor enquanto críticos dentro do processo de desenvolvimento social e cognitivo do aluno, tomando por reflexão e instrumento de análise a pedagogia de Paulo Freire para tentar auxiliar o entendimento do fenômeno nos aspectos sociais da educação, e com Libâneo entender os processos de ensino-aprendizagem e refletir-se simploriamente a prática do professor.

O processo de desenvolvimento educacional nesse sentido irá partir de uma lógica social primeiramente; e após caminhar a uma lógica pedagógica, unindo as duas vertentes usadas para tentar, desse modo, contribuir para o estudo sobre a aprendizagem do aluno relacionada ao contexto social que é particular a cada indivíduo, situando o aluno dentro do grau de importância da educação para si mesmo e de um contexto da educação que é bem específico, que é o fator do desenvolvimento do aluno. A educação é o meio pelo qual o indivíduo se encontra com o conhecimento, com o caminho para a sua completude psíquica e social.

Através dela o aluno começa seu processo de aprendizagem, mas não isolado do seu convívio social, pois a educação se mostra mais relevante em relação direta com a vida do indivíduo, pois ninguém nasce com todos os conhecimentos prévios para se viver em sociedade, isto é, para torná-lo um ser político e atuante socialmente. O homem possui essa tendência inata pelo aprender; como a fome por um alimento que sempre se quis comer ou degustar. E isso ocorre no cotidiano das pessoas, o chamado senso comum, é adquirido no viver em sociedade, mas não é suficiente para suprir a fome pelo saber e muito menos a incompletude do homem.

Quanto a instituição, a escola ideal é vista como uma escola de qualidade, sendo particular, de uma minoria rica. Quanto as pessoas menos abastadas não podem pagar uma escola assim para seus filhos, mas o desenvolvimento precisa alcançar a maioria menos abastada também, daí a importância da escola pública, que por sinal possui relativamente um ensino de qualidade, mas a escola pública enfrenta problemas que parecem não ter fim, os alunos parecem perder a fome pelo saber, o desestímulo aumenta cada vez mais entre os docentes. E

o professor se encontra no limiar do processo do Aprender, pois sabe das dificuldades e facilidades que o ensino enfrenta, das crises de aprendizagem de cada discente. Por isso o problema que causa a crise educacional é tão alarmante, pois coloca em risco até a existência do profissional da educação, e haja vista que a maioria parece não se dar conta da abrangência da sua responsabilidade como educador, o ser crítico da realidade e da sua função maior como educador.

Nesse aspecto, a criticidade do professor é em extremo importante, possuindo suma influência sobre os alunos, na sua marcha para o desenvolvimento pessoal, profissional e social. Também na desmitificação da ideologia fatalista, como bem diria Paulo Freire, (FREIRE, 1996) que a tal nos imobiliza, dando força ao discurso neoliberal, assassinando os sonhos dos educandos. No contexto social se evidencia os processos naturais pelos quais os alunos vêm a passar, assumindo que a educação se torna impossível acontecer isolada da vida pessoal dos alunos. Pois os tais esperam uma certa empatia com os seus professores, diretores e em geral, com a escola.

Um dos fatores que devem ser refletidos pelo professor: dentro de suas casas, na rua, enfim, aos ambientes que frequentam como seres sociais, os educandos são confrontados com diversas situações que lhes provocam turbilhões de sentimentos, anseios e medos; e tudo isto influencia positivo ou negativamente na aprendizagem deles. É natural o indivíduo se descobrir em situações que o incitem a uma metamorfose social, no contexto de uma sociedade que exige um preparo daqueles que resolvem se alistar ao sistema econômico atual, por exemplo. Haja vista que a mudança e a transformação são constantes no cotidiano das pessoas e têm papel substancial no desenvolvimento de toda a história da educação e da Escola.

Os professores formados hoje não se mostram preparados criticamente para lidar com a carga que o cotidiano causa na mentalidade dos discentes, e até nas suas, dificuldades que se mostram em capturar a atenção dos seus alunos, pois os tais acham até o ir à escola sem importância dentro da maioria dos casos. Pois conversando com alguns estudantes o pesquisador social percebe que infelizmente a escola e sua metodologia atual tem colocado barreiras a criatividade dos alunos e não dar assistência aos alunos com dificuldade, pois o

único objetivo agora é situá-los nos parâmetros de um currículo, e é um projeto que se pretende instaurar em todo o ensino público. Objetivos da nova reforma do Ensino Médio, que formando o aluno rapidamente para a mão de obra capitalista, tira, desse modo, a importância do pensar a realidade, refletir os pontos críticos da vida em sociedade e como transformar essa realidade através da educação renovadora. Haja vista que essa mudança é sempre guiada por um processo estrutural, ou seja, um padrão socialmente imposto a todos os indivíduos. E este padrão pode ser de caráter social, político ou capitalista.

O professor deve assumir sua responsabilidade de educador crítico, pois somente dessa forma poderá influenciar seus alunos a superação de suas crises e emoções fatalistas. Quanto a isto, onde a educação encaixa-se nesse processo estrutural, nesse sistema; pode a educação ser guiada por uma ideologia capitalista sem ter prejuízos a sua essência educacional, sem correr riscos ao desenvolvimento dos alunos; qual a posição do Professor e consequentemente da Escola nesse processo, como o professor pode adquirir criticidade a fim de contribuir para formar o conhecimento crítico também em seus estudantes.

Estas são reflexões feitas ao longo desse trabalho e dessa pesquisa: quais fatores impedem o professor de ser crítico dentro da escola, ao expor suas aulas, o que transforma a forma de pensar dos educadores depois que se formam, pois é notório a paixão com a qual os formandos de licenciatura esboçam nos olhos ao tomar seus diplomas, decerto pensam ter nas mãos o poder para transformar mentes e realidades, e isto é verdade, o professor tem essa dádiva, mas a realidade com a qual devem lidar no trabalho todos os dias é distinta da que se pensa antes de se formar.

Haja vista da abrangência dessas questões, a mudança aqui abordada delimita-se ao aspecto da influência educacional no contexto de transformação social, situando o professor como aquele que é o mediador dessa mudança. Sabe-se que a sociedade atualmente vive baseada em padrões sociais, políticos e econômicos. As formas de ditar os direitos e deveres da população, são as leis, e elas existem para exigir, aprovar e cumprir o que o Estado demanda. O Estado é quem demanda da população o cumprimento dos seus deveres para com a Ordem, para, desse modo, abrir caminho para a realização dos seus direitos. O discurso é sobremaneira romântico e democrático, mas na verdade dita

a forma com a qual o cidadão deve agir, o que deve fazer para viver em sociedade, ser atuante social e politicamente. Isto causa uma preocupação nas pessoas quanto ao que esperar do futuro, pois a política revela para a população que os interesses do Estado organizados por uma política de ética, política esta que conferem direitos e deveres sociais a todos os indivíduos, e toda essa regência com suas raízes no capitalismo, não parece mais ser um discurso romântico e democrático.

Haja vista de o capitalismo ser uma ideologia que ganhou força principalmente após a revolução industrial e da invenção da máquina a vapor; e desde então ele se baseia exclusivamente no acúmulo de capital, tornando-se tão influenciador que todos os processos sociais parecem ser explicitamente ou implicitamente, guiados por essa Ideologia. Portanto, propõe-se refletir como se dar a atuação da educação nessa sociedade para operar a mudança nos aspectos explicitados anteriormente, e analisar qual o papel ou contribuição do professor como educador crítico nesse processo, buscando entender como ele deve usar sua criticidade em benefício da educação e do desenvolvimento social e acadêmico dos alunos.

O professor crítico deve estar atento a forma que se dar sua prática educativa, atentando para a individualidade de cada discente, o tempo que cada um leva para entender o conteúdo e conseguir aplica-lo na sua vida, repensar a própria realidade social, atentar para a carga de conhecimento que cada aluno traz do ensino básico, para, desse modo, encaminhar seus alunos a uma consciência crítica, pois isto fará com que refletindo a realidade social, a educação se torna agente de transformação social na vida do aluno, possibilitando a mudança que é vital para o desenvolvimento do indivíduo, permitindo a ele a superação de sua deficiência educacional e abrir portas para sua completude social.

A autorreflexão do profissional da educação, nesse sentido, é importante para a valorização do trabalho que desempenha dentro e fora da escola, pois quando se consegue captar a atenção do aluno, por exemplo, a explicação de determinado conteúdo se torna mais fácil, haja vista que, a ausência dessa atenção do aluno prejudica a aprendizagem e pode causar desmotivação no professor; no que diz respeito ao sentido que faz a educação para ele próprio e para os demais agentes. Os motivos para que esse desinteresse da parte do aluno

venha ocorrer, parte da premissa que muitas das vezes a metodologia usada pelo profissional para chamar a atenção não é satisfatória, ou seja, não inova e não influencia o aluno para despertar sua curiosidade, que no contexto da aprendizagem é extremamente importante, sendo ela o click para a ativação da criatividade intelectual do aluno. Um professor crítico deve ter essa compreensão que ele também é responsável em transformar as respostas em dúvidas, para, desse modo, despertar as hipóteses dos seus alunos, lhes ensinar a pensar criticamente diante do conteúdo proposto em suas aulas.

A forma de explicar do professor deve estar sujeita ao gosto de seus alunos, e não somente ao modo com o qual aprendeu lecionar. Daí a importância de situar o conteúdo na realidade de cada discente, facilitando o aprendizado através do despertar da criatividade. Quando muito presa só ao modo costumeiro de dar aula, a explicação de um conteúdo teórico, se torna “chata” ao aluno, por não o explorar na prática, nem através de exemplos vivenciados pelo estudante. Pois quando um assunto é explicado dentro da realidade do estudante ele não só o aprende, mas o relaciona com os fatores que vivencia, aplicando, desse modo, o que aprende na escola em seu cotidiano, isto é que vai gerar a transformação da realidade de cada indivíduo.

O interessante quanto a escola é educar os seus alunos dentro de suas realidades e não em uma utopia que é mais fatalista que utópica. Isto que deixa a explicação muito mecânica e o professor não consegue alcançar seus anseios quanto a aprendizagem dos seus alunos. O que a instituição escola pode executar com o objetivo de criar novos métodos de aprendizagem, para formar alunos preparados e acostumados a vivenciar e aplicar seus conhecimentos dentro e fora da escola são questões atuais e importantes. Tendo em vista o melhoramento do aluno e da sua formação escolar, a educação deve, primeiramente, ser acreditada pela escola, pelos professores, pela família dos alunos, quando isto ocorrer fielmente, se notará a mudança no interesse e dedicação dos alunos em ir à escola, ocorrerá uma transformação no aluno, pois é nítido a satisfação que o aluno esboça ao entender um conteúdo, simples que seja, ele é o maior responsável por sua educação, mas o professor é também responsável em ser o facilitador do processo de aprendizagem do estudante. Atualmente se percebe uma crise educacional, mas essa crise está em fatores que só são percebidos

no dia a dia da escola. Ela vai desde a falta de atenção e interesse dos alunos, especificamente, os de nível médio, à falta de criticidade do professor e da escola, o que se mostra perceptível na história da educação em Redenção e mato Grosso, pois nunca obteve um salto significativo de sucesso, e sempre passou por grandes crises. Quanto a isto, mostra-se um déficit no que diz respeito a atuação pedagógica dos professores, alguns professores contratados chegam a dar aula em disciplinas contrária a sua própria formação, fato este que se mostra inaceitável, pois se reflete quanto a qualidade das aulas ministradas, sendo que não é uma área de seu domínio, além disso, o processo de ensino-aprendizagem precisa acontecer, para tanto, o profissional precisar ser preparado adequadamente.

JUSTIFICATIVA

Portanto, foi em vista do momento novo que vive a educação de nível médio, com a reforma do ensino pelo Ministério da Educação do Governo Federal. Aproveitando o momento, oferece-se neste trabalho uma reflexão que se considerada importante, serve para refletir a atuação da escola e do professor no contexto social da educação. Pois é um período em que a escola deve refletir sua atuação, e o professor se reavaliar, de forma que venha entender melhor seu papel social de educador. Agora com a reforma do ensino médio o que se pode esperar é que a educação seja melhorada, aperfeiçoada.

Os estudantes tenham mais chances de ingressar no mercado de trabalho, pois isso é o que o sistema demanda. Com a reforma do ensino médio também haverá uma mudança de perspectiva quanto ao currículo do aluno. Nessa nova perspectiva o currículo torna-se atrativo para o estudante, pois além de estudar as mesmas disciplinas obrigatórias que se costumava, o aluno pode escolher uma área de conhecimento de seu gosto pessoal. O professor tem um papel social, um compromisso com o educar, de estar atento e ser crítico diante das opções que lhes forem dispostas com a atual reforma, pois quando se tomam decisões relativas a educação, deve se frear os passos, pois ela perpassa todas as outras áreas da sociedade, e suas questões envolvem pessoalmente todos os indivíduos, e dentro do controle do estado ele se torna uma arma poderosa na transformação da realidade social de uma pessoa, ou de forma contrária. 30 professor deve ser crítico no que diz respeito a fazer o aluno refletir sobre as

opções que lhes são colocadas diante, por exemplo, a reforma do ensino médio possibilita ao estudante o viés de escolha de uma área de conhecimento que o aluno estudará durante o semestre, haja vista de que resta um viés, caso o aluno no final não se reconheça na área escolhida ele poderá optar por outra de seu desejo, ou terá de se conformar com a área escolhida por ele.

Daí a importância de se refletir e criticar essa nova fase da educação de nível médio, e também o professor deve se conscientizar de sua responsabilidade e dever para com a educação, pois quando não houver professores também não haverá médicos, advogados, pesquisadores e pensadores, e etc. Portanto aqueles que desejam seguir o ofício de professor devem refletir a atuação educativa quanto a significação e a identidade profissional, buscando o desenvolvimento de competências para ensinar quanto a sua atuação como educador crítico, que não somente ensinam conteúdos mastigados aos discentes, mais os ensinam a mastigar e digerir, de modo a desenvolverem suas próprias competências como seres sociais, responsáveis por si mesmos e pela sociedade em que vivem, tendo em vista o melhoramento pessoal, ou seja, a sua completude social, assim como sua atuação política, exercendo seus deveres como cidadão e cobrando seus direitos que são garantidos estatalmente, tornando-se agentes ativos socialmente.

OBJETIVOS

Objetivos gerais:

Analisar a importância do professor como educador crítico no processo de transformação social dos alunos.

Objetivos específicos:

Estudar a escola e a criticidade para o papel do professor.

Relacionar o fazer pedagógico contido entre a forma tradicional e nova de se educar.

Entender a atuação da escola entre o agir crítico e o tradicional.

Conhecer o papel contemporâneo do professor.

Investigar as antigas e novas formas de atuação pedagógica.

Perceber a importância do professor e do multiprofessor para o ensino-aprendizagem.

Esclarecer as percepções dos professores em relação às adversidades do mundo escolar.

Compreender a prática pedagógica do professor crítico.

Estabelecer a relação da sala com a aula para se construir reflexões crítico-pedagógicas.

Refletir a relevância da educação para a transformação.

Qualificar o ethos do profissional comprometido com a criticidade.

METODOLOGIA

Foi adotada como metodologia a coleta de dados através de entrevista semiestruturada com professores da escola Camilo brasiliense, escola de ensino médio da rede pública de educação do maciço, localizada em Antônio Diogo. A formulação do roteiro se deteve ao assunto estudado através dos teóricos educacionais. As perguntas questionam desde a prática do professor, importância da escola, didática do educador, papel do professor no ensino-aprendizagem, e transformação educacional associando escola e universidade.

Diante do exposto, serão necessários se formarem professores com autonomia, capacidade de decisão e de criatividade, educadores que sejam dinâmicos diante de possíveis dificuldades com alunos sem interesse, assim como possuir em si mesmos uma preocupação extra pessoal, ou melhor, um olhar que percebe os pontos críticos que cada aluno possui quanto a sua limitação; limitações estas que se evidenciam na rebeldia em sala de aula, na ausência da escola, pela falta de participação e interação com o professor e os demais estudantes, pela dificuldade de interpretação e resolução de problemas simples e por reprovação escolar. O tema que será abordado aqui não é inédito, mas espera-se contribuir no mínimo à reflexão dos professores e no máximo conscientizar a escola que seu papel vai além das quatro paredes da sala de aula, tomando uma abrangência social, passando pelo aluno e sua família e podendo, desse modo,

transformar vidas, através da aprendizagem, que possibilita a completude humana na superação de seus fatalismos sociais.

Há alguns fatores que são principais nessa reflexão, primeiramente a formação do professor sugere a perceber a aprendizagem como um processo contínuo e requer uma crítica cuidadosa da ação do aprender em suas muitas etapas, pois ele passa por uma evolução e também por concretizações, tudo isto para reavaliar os conceitos que já foram colocados por base pelos educadores e sistema educacional passados, tendo em vista a busca da compreensão de novos ideais e valores.

2 - ESCOLA, CRITICIDADE E O PAPEL DO PROFESSOR

A escola¹ em seu fundamento historiográfico surgiu com o objetivo de educar e formar governantes, atividade que era encarregada ao mestre filósofo, já a concepção de escola na idade média era exercida por religiosos e acontecia nos mosteiros, a educação na época se concentrava na transmissão do saber, e não na construção do conhecimento, sendo privilegiados àqueles que a ela tinham acesso. Indivíduos que não eram educados eram tidos como a escória da sociedade, era quase que impossível conseguir ascender social e economicamente, isso, após a idade média, pois a escola já se baseava em um sistema mais capitalista, e com a revolução industrial, veio a necessidade de mão de obra para as máquinas, e se viu na educação o potencial para se formar essa mão de obra. Se não tivesse a formação escolar básica e satisfatória que o sistema capitalista exigia o indivíduo poderia estar fadado à estagnação social e financeira, desse modo, não acompanhando o desenvolvimento.

¹ Por brasil escola (online)

O termo escola vem do grego scholé significando “lazer, tempo livre”. Esse termo era utilizado para nomear os estabelecimentos de ensino pelo fato de a tradição greco-romana não valorizar a formação profissional e o trabalho manual. Formar o homem das classes dirigentes era o ideal da educação grega. O professor não deveria ensinar de acordo com suas concepções, mas de acordo com a exigência da sociedade, devendo formar os futuros governantes e ocupantes dos altos cargos. O mestre filósofo era o responsável pela educação dos seus discípulos, em geral cinco e geralmente ensinava política, artes, aritmética e filosofia.

No Brasil o processo de desenvolvimento industrial demoraria mais um pouco, somente na metade do século XIX, com o desenvolvimento da economia cafeeira em que os altos lucros propiciaram investimentos em outras atividades econômicas, como a indústria. Entender o contexto da revolução industrial no Brasil, é importante pois se sabe que a educação moderna é fruto do capitalismo, que, por sua vez, influencia o Estado, na condução e gerenciamento da escola contemporânea, que aqui será tratada como sendo a personificação material da educação.

É importante esclarecer porque o capitalismo influencia a educação, se valerá aqui da explicação social. Não existe educação sem sociedade, e a educação se molda de acordo com o modo de vida da sociedade (DURKHEIM, 2004). Imagina-se uma empresa qualquer, seu funcionamento, seu marketing e sua visão é determinada pelo Mercado global em que se insere. Do mesmo modo a educação escolar estar sujeita ao poder do Estado e este, por sua vez, ao poder capitalista. Historicamente a educação passa a ser influenciada pelo capitalismo por conta de um pensamento. Segundo Miranda (2012, p. 02):

O pensamento daquela época era que um trabalhador bem educado era um empregado melhor, ou seja, adaptado a hierarquia. A expansão do capitalismo foi decisiva para maior universalização da ação pedagógica escolar. Predominando as ideias de classe que tem maior poder aquisitivo. O sistema educativo no capitalismo é visto como reprodutor das desigualdades existentes. Esse sistema educativo tem a finalidade de inculcar as ideologias das classes dominantes e de capacitar tecnicamente à classe trabalhadora para o exercício de uma função produtiva.

Diante do exposto, se ver que foi um pensamento elaborado de forma sucinta, mas também de uma base fortíssima, que repercute até os dias de hoje. Fatos como a implantação da escola profissionalizante e a reforma do ensino médio revelam a veracidade do texto de Miranda. Portanto, a escola deve se posicionar de forma crítica diante das novas faces de mudança ocorridas hoje e

o professor deve colocar em prática sua atuação crítico-pedagógica, tendo em vista o crescimento do indivíduo através do ensino-aprendizagem.

Nesse caminho, a educação brasileira ao longo dos anos vem passando por inúmeras transformações, desde a criação da escola das primeiras letras até os dias atuais. Faz-se necessário vislumbrar o universo educacional para contemplar todo o arcabouço que o compõe, desde quem planeja a educação, quem investe e quem executa no chão da sala de aula e demais dependências. É importante pensar a escola como sendo um espaço de atuação ativa, de interação educacional, social, cultural e cidadã. Para tanto, é necessário voltar esse olhar para o que a sociedade está exigindo do sistema educacional, pois é inviável refletir a educação somente na ótica do cumprimento do currículo exigido em cada série, tendo em vista que estes não se fecham em si mesmos. A escola, portanto, deve seguir um princípio básico, de acordo com Libâneo (2002, p. 08):

O princípio básico que define esse processo é o seguinte: o núcleo da atividade docente é a relação ativa do aluno com a matéria de estudo, sob a direção do professor. O processo de ensino consiste de uma combinação adequada entre o papel de direção do professor e a atividade independente, autônoma e criativa do aluno.

Com o objetivo de tecer uma linha de compreensão mais completa sobre a relação da escola, o professor e a criticidade, todavia, é necessário fazer um panorama da educação brasileira,

2.1 – Uma genealogia do fazer pedagógico tupiniquim: entre o tradicional e o Novo.

É importante frisar que o sistema educacional brasileiro surgiu por volta dos anos de 1549, com a chegada dos portugueses, no intuito de apenas catequizar os povos indígenas, haja vista a escolarização ser promovida pela Companhia de Jesus, sob o comando do pároco Manuel da Nóbrega, com um objetivo único de disseminar seus dogmas e fé cristã. Depois de uma grande ascensão

e fortalecimento dos jesuítas no território brasileiro foi necessário estes serem expulsos, pois estavam indo contra os interesses da corte portuguesa.

Posterior a este período de domínio jesuítico, em meados de 1752 surgiram às aulas régias, porém estas não obtiveram muito êxito. Então somente em 1772 foi implantado o ensino público laico, a que se refere à reforma Pombalina, tendo em vista que o Estado ofereceria línguas modernas, desenho, aritmética, geometria e ciências naturais – correspondendo aos ensinos primários e secundários.

Nos anos subsequentes houve mais momentos marcantes dentro do universo educacional, pois devido à industrialização e urbanização, surgia a necessidade de capacitação, o que acentuou a discriminação entre o ensino secundário superior e o primário profissional. Essa abordagem se dá no aspecto da relação Escola-Capitalismo, pois se sabe que após a revolução industrial o sistema educacional se movia em torno do poder capitalista do Estado, mas só se concretiza com a privatização do ensino, que significava na teoria, uma separação entre a educação pública e a privada

Diante deste contexto histórico, pretende-se debater a diferenciação entre o modelo de educação da Escola Tradicional X Escola Nova, surgidos durante o processo de industrialização do Brasil. Durante anos a escola era palco de um ensino onde o professor era o grande detentor do conhecimento e que este era responsável por ministrar aulas expositivas e primava por realizar leituras repetitivas e cópias para que houvesse desta forma a fixação dos conteúdos. A escola tradicional defende que o professor é um exemplo a ser seguido por seus alunos tendo em vista que o conhecimento decorrido de estudos teóricos é acessível apenas ao professor, nunca ao aluno.

Dentro deste contexto educacional, o conteúdo é supervalorizado em detrimento do discente e a forma de avaliar é realizada rigorosamente por meio de uma prova, que avalia quão bem ou mal esse aluno fixou o conteúdo em sua mente. É perceptível que a escola, por essa ótica de ensino, foge aos interesses sociais cobrados.

Compreende-se que a escola tradicional prioriza a formação moral, cultural, intelectual, moldando o aluno para viver em sociedade de maneira a conservar seu estado atual (*status quo*), ou seja, os educandos não possuem um mínimo de direito de refletir ou contestá-los, pois seguem fidedignamente o que

está posto no currículo. Contudo, na Escola Nova o educando é o centro do processo de ensino, e o professor atua como mediador deste conhecimento, preparando as aulas e selecionando os conteúdos à medida que estes condizem com a realidade do aluno, pois dentro desta vertente o conhecimento se torna significativo ao aprendente, porque dentro da perspectiva da escola nova o conteúdo deve ser aprendido, não decorado.

Faz-se necessário hoje saber que Escolas se têm? Que Escola queremos? O que podemos oportunizar aos nossos educandos, haja vista a escola ser um espaço de promoção de igualdade. Observa-se que estamos vivendo a era das Tecnologias da Informação e comunicação (TICs), onde a informação está cada vez mais acessível e rápida, pelo fato de estar à distância de um toque. Tais informações requerem de nós um mínimo de competência de acesso para obtê-las. Então a escola como agente transformador tem papel vital em desenvolver nos educandos competências mínimas para que o acesso a informação seja uma realidade.

A escola precisa possibilitar a ampliação da capacidade de discernir entre a informação correta ou incorreta, pertinente ou desnecessária. É urgente a necessidade de desenvolvermos a habilidade de estabelecer o pensamento aliado a ação em função da informação e, para isso, é necessário reavaliar a maneira como as informações são repassadas e como elas são processadas pelos alunos. É preciso reaprender a aprender. Um ensino de qualidade é aquele capaz de transformar a informação em conhecimento.

Sabendo que a informação está a um toque, cabe a escola repensar sua forma de ensino, pois de nada adianta continuar com velhas práticas de repassar conteúdos, ambicionando como meta o desenvolvimento da criticidade, por exemplo. Então é notório que a escola não conseguiu ainda acompanhar as mudanças da sociedade vigente.

É sabido que cada escola tem a autonomia de pensar, gerir, organizar, estabelecer, seu próprio modelo de trabalho, as metas que desejam alcançar e os parâmetros que a regem. No entanto, é neste espaço de interação que se formam e transformam cidadãos aptos a conviver socialmente.

É notório encontrarmos em nossos ambientes escolares exemplos de atuações repetitivas, estereotipadas, positivistas, meras reproduções de técnicas, que são executadas aparentemente sem nenhuma reflexão por parte daquele

que a executa. Então o que justificaria a escola dizer que forma cidadãos críticos para atuar na sociedade se suas práticas educativas se resumem a vãs repetições?

Emerge neste momento a necessidade de vislumbrar o professor como mediador do conhecimento, e o aluno não como um depositário de informações, ou alguém sem capacidades criadoras e por que não dizer recriadoras, mas um ser pensante que possui elevados níveis de compreensão de si e do mundo e que pode a partir dessas compreensões moldarem o meio em que estão inseridos.

É importante, pois, se considerar a opinião dos discentes sobre a própria escola, por exemplo, na maioria das vezes os alunos não têm base suficiente para enxergar mais do que lhe é mostrado, e acaba por vê-la como se coloca diante de si. Se um aluno, por exemplo, vê a escola como um ambiente enfadonho, sem graça e que não o motiva, fica muito mais difícil o aprendizado. Para tanto, são vários os motivos: porque a aula não é atrativa, porque sua habilidade não é valorizada na escola. Por outro lado, a escola não conseguiu acompanhar as mudanças incididas à sociedade, e estas transformações que necessitam ser inseridas dentro da escola precisam atrair os alunos, mudar o foco das disciplinas estudadas para prepará-los para a atual complexidade que é viver em sociedade.

Observando todos estes ensejos deve surgir neste momento um líder que pensa num todo, porque estamos falando da visão que o aluno tem acerca da escola de uma maneira geral, e esta visão repercute dentro e fora dela. No entanto faz-se necessário o comprometimento de todos que fazem a educação dentro da instituição para que mudemos a visão que temos de Escola. Segundo Freire (1979), o comprometimento supracitado só se dar na lógica do profissional.

De acordo com Nazar (2016) o papel do professor deve se basear a realidade existente na sala de aula, mas que sua visão abrangente do todo, permita um olhar para o futuro, e a partir de uma reflexão da realidade criar estratégias para que suas aulas sejam atrativas aos alunos. E que sua sala seja um ambiente de interação social, onde cada indivíduo com sua particularidade possa ser peça fundamental dentro do quebra cabeça chamado educação. O professor,

neste contexto de mudança, precisa saber nortear os alunos sobre onde obter informação, como abordá-las e como empregá-la.

Esse educador será o encaminhador da autopromoção e o orientador da aprendizagem dos alunos, ora instigando o trabalho individualizado, ora apoiando o trabalho de grupos congregados por área de interesses. A qualidade da educação, comumente centradas nas inovações do currículo e na didática aplicada não pode se colocar isolada dos recursos disponíveis, nem das formas de gestão que possibilitam sua implantação. A incorporação de novas tecnologias, por exemplo, são subsídios básicos comuns que podem oferecer uma maior vinculação entre os contextos de ensino e as culturas que se desenvolvem fora do âmbito escolar.

Partindo dos argumentos supracitados vale ressaltar o que Alarcão (2001, p. 16) afirma em seu livro *Escola reflexiva e a nova racionalidade*:

Como são nossas escolas: edifícios onde existem apenas salas de aula? Ou também há nela espaço de convívio, desporto, de cultura, de trabalho em equipe, de inovação e experimentação? (...) será que nossas escolas possuem locais que permitam aprendizagem cooperativa e autônoma? E espaços que favoreçam a flexibilização de atividades docentes e discentes?

É visível que alunos quando instigados a desenvolver-se de forma autônoma compreendem melhor os conteúdos, deseja estar no ambiente escolar, pois se sentem parte integrante da construção do conhecimento e consegue transformar estes conhecimentos obtidos, em práticas. Neste sentido, fica claro que as informações adquiridas por meio da socialização de saberes são significativas ao aluno.

De acordo com Oliveira (2016) grande parte dos mestres brasileiros nas mais diversas esferas educacionais, veem a educação como sendo um processo de facilitação da aprendizagem. O que se adotam são métodos de facilitação na abordagem tradicional, onde se seguem os seguintes passos: conteúdo exposto oralmente a ser aprendido, e atividades semelhantes. O que se compreende com essa prática é que o aluno limita a descoberta de novos conhecimentos, ou até mesmo o aprofundamento do assunto estudado. Neste enfoque, o educando não

consegue colocar em prática suas potencialidades que poderiam ser aguçadas pelo professor, pois este, no seu papel de mediador do conhecimento, na maioria das vezes, por tentar facilitar o conhecimento ao aluno, acaba tirando dele a oportunidade de desenvolver seu senso investigativo, criador, co-criador, crítico, enfim todas suas potencialidades.

Desta maneira cabe uma reflexão: qual o papel do professor diante das exigências educacionais vigentes? Quais elementos devem possuir o educador dentro deste novo cenário de ensino? Podemos elencar vários elementos, por exemplo: é necessário um professor que esteja convicto que cada aluno tem um diferencial e um tempo de aprendizagem, será necessário conhecer as dificuldades e potencialidades de cada aluno para que a partir do conhecimento destas, lançar mão de estratégias coerentes com a realidade de cada um.

Não existe um manual de estratégias, métodos ou técnicas que após serem seguidas atinjam todos os objetivos propostos. Contudo, dentro deste universo de heterogeneidade existente dentro da sala de aula, em que cada discente possui sua particularidade, o professor pode mapear seus alunos não por nivelamento, pois os que “sabem mais” não podem ficar separados dos que “sabem menos”, visto que, assim, estaria havendo discriminação em bases cognitivas.

Para Fantinato (2004) Uma estratégia adequada seria combinar as mais diversas habilidades por meio de formação de grupos, pois desta forma os alunos que possuem habilidades de compreensão leitora tirariam as dúvidas dos demais; os que possuem habilidades matemáticas contribuiriam com seus conhecimentos, bem como os outros que possuem habilidades que não dizem respeito apenas às disciplinas contidas no currículo escolar. Então, levar em consideração as habilidades de desenho, artes plásticas, corporais, musicais e tecnológicas pode ser uma saída para que, valorizando suas competências e habilidades, o educando sinta a necessidade de superar suas dificuldades.

A formação de professores sinaliza para uma organização curricular inovadora que, ao ultrapassar a forma tradicional de organização curricular, estabelece novas relações entre a teoria e a prática. Oferece condições para a emergência do trabalho coletivo e interdisciplinar e possibilita a aquisição de uma competência técnica e política que permita ao educador se situar criticamente no novo contexto. Para Martins:

Coloca-se, novamente, um problema central: o avanço da tecnologia não tem contrapartida na vida cotidiana dos cidadãos e, entre estes, os professores e alunos envolvidos na realidade da Escola Pública, onde grande parte dos membros da comunidade escolar não tem acesso às novas conquistas da tecnologia. Note-se que não nos estamos referindo à televisão ou ao rádio, meios de comunicação de massa que há muito pertencem à vida diária dos brasileiros. O que causa estranhamento é notar a confecção de livros e material didático a partir de sofisticados softwares de autoria quando a maior parte dos alunos e professores não possui o seu microcomputador em casa. (MARTINS, 1999, p. 112)

Falta aos nossos professores uma formação acadêmica para além do currículo institucionalizado, pois diante da cultura tecnológica faz-se necessário, professores capacitados para utilizarem e promoverem dentro de suas salas de aulas momentos de interação com os mais variados elementos tecnológicos, haja vista vivermos em um mundo conectado via internet, e pode-se afirmar que grande parte de nossos alunos saem para enfrentar o mercado de trabalho sem as mínimas noções desta ciência.

Pretende-se aqui reforçar a possibilidade de discutir o papel social dos educadores dentro das instituições de ensino. Este possui uma responsabilidade grandiosa, a de mediar à construção do conhecimento, de redirecionar aula expositiva à cooperativa, tendo em vista a assimilação consciente por parte dos educandos relativo aos conteúdos propostos em Sala de Aula.

Portanto, a escola deve exercer seu papel de criticidade, bem como o professor está no limiar de mediador para conseguir se colocar no processo de aprendizagem do aluno e formar alunos críticos, mas críticos não só no sentido de apontar o erro, mais também de sugerir soluções.

2.2 – Entre o agir crítico e o tradicional: a escola Camilo Brasiliense em um novo contexto

A escola é uma das instituições mais relevantes dentro de uma sociedade, por ela perpassam todas as áreas da sociedade, como a cultura, a política, a família e a economia. O ato de educar, historicamente, não se limita apenas a uma sala de aula, por exemplo, na sociedade africana a forma de educar as crianças comumente se realizava por meio da tradição oral, isto é, transferência de conhecimento de forma Inter geracional. A tradição oral foi o primeiro registro que se teve sobre educação. Além da África, há registros de que na Grécia os jovens eram ensinados dentro dessa perspectiva, sendo a Matemática, a Filosofia e a Retórica as disciplinas mais ensinadas.

A instituição escolar passa a existir a partir da necessidade do homem de se educar, mas vale questionar, quando o homem percebe a necessidade da educação? E a resposta é quando ele percebe sua incompletude e ver que precisa do saber para se completar. As primeiras formas de se educar surgiram da oralidade, quando os mais velhos passavam seus saberes e experiências de vida para os mais jovens e inexperientes. A tradição oral é o método mais antigo e conhecido para se educar e instruir em sociedade e era uma formação continuada, geralmente surgia da necessidade de preservar a cultura de determinado povo. Como salienta Coimbra (1989, p. 02):

Foi somente a partir da Idade Média que, na Europa, a educação se tornou produto da escola e um conjunto de pessoas (em sua maioria religiosos) especializou-se na transmissão do saber. Entretanto nesta época, embora o ensino fosse reservado às elites (principalmente à nobreza), não havia separações entre crianças e adultos e a Escola não estava organizada para disciplinar seus alunos.

Esse é o primeiro registro da escola como instituição. No entanto, em seus parâmetros não estava apta a formar seus alunos satisfatoriamente, revelando que a educação precisava subir um degrau histórico, para conseqüentemente caminhar rumo à escola tradicional atual.

A escola não deve ser tratada como um órgão estático que parou no tempo, que não se transforma ou que não se atualiza, visto que ela está em constante modificação, com novas técnicas didáticas, adequando-se às determi-

nações do mundo globalizado, que exige profissionais cada vez mais preparados. O contexto social é alterado, as pessoas mudam, e, conjuntamente, a escola deve evoluir, ou seja, aprimorar seus princípios fundamentais à aprendizagem, ao ensino e ao desenvolvimento de seus alunos.

Haja vista do processo pelo qual a escola passou, surge em Salvador no Brasil colonial, a primeira escola semelhante ao que se conhecemos hoje, fundada pelos jesuítas. A segunda foi fundada em São Paulo, por volta de 1554. O ensino público, propriamente dito, fora instaurado somente a partir de 1772 por intermédio das aulas régias, implementadas pelo Marquês de Pombal, mas ainda sem a possibilidade de implementar um sistema educacional no Brasil. Por conseguinte, com a chegada da família real no século XIX, Dom João VI abre várias academias militares e escolas de medicina. Foi um grande passo para o Brasil, mas a educação continuava em segundo plano. Com tais acontecimentos, várias instituições foram se propagando pelo interior do País, alcançando ainda de forma tímida as diversas regiões nacionais.

A partir dessa pequena explanação vamos enfatizar aqui, o contexto social de surgimento do distrito de Antônio Diogo e da escola Camilo Brasiliense nele implementada. Isso deve-se ao fato de selecionarmos essa escola como lócus de nossa investigação, local onde realizamos as entrevistas semiestruturadas que embasam este trabalho.

O distrito de Antônio Diogo, a aproximadamente 70Km de Fortaleza, pertence à histórica cidade de Redenção - Ceará, conhecida por ter sido pioneira na libertação dos escravos. O distrito antigamente se chamava Canafístula, conhecido por abrigar o leprosário, local de amparo dos portadores de hanseníase no estado do Ceará no começo do século XX. Teve seu nome mudado para Antônio Diogo em 1940, em homenagem a um médico residente na colônia (leprosário). Entre os variados contextos do surgimento desse distrito, segundo afirma o Historiador Artur Ricardo (2015, p. 01):

A linha-tronco, ou linha Sul, da Rede de Viação Cearense surgiu com a Estrada de Ferro de Baturité, aberta em seu primeiro trecho em 1872 a partir de Fortaleza e prolongada

nos anos seguintes. Quando a ferrovia estava na atual Aco-piara, em 1909, a linha foi juntada com a E. F. de Sobral para se criar a Rede de Viação Cearense, imediatamente arrendada à South American Railway. Em 1915, a RVC passa à administração federal.

Para o historiador, o transporte ferroviário foi de extrema importância para o desenvolvimento das comunidades do interior do Estado, tendo em vista que, com a chegada de visitantes pela estação ferroviária, fundada em 1880, aos pés da Serra do vento, entre Baturité e Fortaleza, faria com que a economia, advinda da agricultura trouxesse mais lucros aos agricultores da região pela venda e negociação dos produtos e também do artesanato local.

O distrito de Antônio Diogo está em processo de emancipação, mas ainda a passos lentos, assim como seu desenvolvimento econômico, implicando poucas oportunidades de emprego, o que torna a esperança de melhoras financeiras um sonho quase inalcançável para grande parte dos jovens da localidade.

A escola Camilo Brasilense, localizada em Antônio Diogo, foi fundada em 1958, quando o Ilm.^o Sr. Paulo Sarasate, deputado da época, não mediu esforços para auxiliar na construção do referido prédio, o qual recebeu o nome de Grupo Escolar Paulo Sarasate, em sua homenagem. A escola fora mantida durante algum tempo por cidadãos da comunidade e pela Prefeitura Municipal de Redenção. É a única instituição de ensino médio local, responsável por abranger os estudantes do distrito e comunidades adjacentes.

O contexto de surgimento da escola em Antônio Diogo foi de muitas dificuldades, mas percebe-se que, com o crescimento da instituição, um certo desenvolvimento também repercute na comunidade como um todo. As mudanças não foram somente físicas, mas também de cunho pedagógico. Com o crescimento da demanda, a prefeitura Municipal fez a doação do prédio para o Estado que, a partir de fevereiro de 1965, assumiu completamente o Estabelecimento. No ano de 1981, a agente Administrativa Ana Lourdes Pinheiro de Oliveira, assumiu a secretaria da Escola até o ano de 1995. Nesse mesmo ano, com o advento da Gestão Democrática da escola Pública, o então Governador, o Exm.^o

Sr. Tasso Jereissati, juntamente com o Secretário de educação, o Exm^o. Sr. Antenor Naspoline, amparados pela Constituição Federal, Constituição Estadual, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e a Lei 12.442, aprovada na Assembleia Legislativa em 18 de maio de 1995, desenvolveram o processo de eleição para diretores escolares, avançando no regime de colaboração e na democratização da gestão escolar, fortalecendo o slogan: “*Todos pela educação de qualidade para todos*”.

Em outro caminho, a análise do processo ensino-aprendizagem parte primeiramente de um contexto geral para um mais específico, buscando compreender o quanto a educação tem mudado no distrito e quais os esforços pedagógicos em operar a mudança e incentivar a criticidade dos educandos. O contexto de surgimento da referida escola foi de carência de ensino, se ver que o grupo de professores era insuficiente tanto em número como em formação, tendo no grupo de docente apenas dois professores, que teriam de dar conta de um número considerável de alunos. E com a Gestão Democrática, a escola é amparada pelo Estado e passa a ter uma coordenação pedagógica mais eficaz. Mais recentemente, no ano de 2015, o quadro de docentes era constituído de 16 professores em sala de aula (02 deles também no laboratório de Ciências), 03 professores na Sala de Multimeios, 01 professor no laboratório de informática, sendo que precisam dar assistência a exatamente 369 alunos, assim distribuídos: 1^a Série: 148 (Diurno); 2^a Série: 102 (Diurno e Noturno) ; 3^a Série: 119 (Diurno e Noturno).

A Unilab também tem exercido grande influência dentro dessa transformação no distrito, pois além de servir de esperança em relação a frequentar uma Universidade por inúmeros motivos, tem servido de apoio à escola com materiais de estudo, transportes, e até integração Escola-Unilab, que na visão de muitos professores é o que tem quebrado o paradigma de inacessibilidade à Universidade, pois os educandos pisam no terreno da Universidade e isto mexe com seus pensamentos, fazendo-lhes entender que podem frequentá-la, inseridos no corpo discente. Uma instituição que viria somente com o objetivo da lusofonia e integração, agora é vista como instrumento de esperança para o desenvolvimento social, financeiro e intelectual. “Isto se tem mostrado através dos terceiros anos do ensino médio; os que antes mostravam aversão à universidade, agora mostram interesse em frequentá-la”, afirma uma professora.

Os ganhos educacionais parecem não chegar algumas vezes, mas são conquistas que diuturnamente mostram seu valor social e pedagógico na vida dos alunos. A fase atual da educação deve ser trabalhada com esmero pela escola e pelo professor, e sempre atentando para isto, a sociedade muda, o contexto por si só também muda. Então, a educação precisa assumir o papel da mudança, e o profissional docente deve estar em constante aprendizado, sendo crítico, não somente no aspecto de apontar os erros, mas em delimitar soluções aos problemas.

2-3 A escola Camilo Brasiliense e os saberes docentes (Falar a partir das falas dos professores em diálogo com os autores)

Partindo do ponto de vista do contexto social das profissões, sabe-se que todo profissional tem que dominar os conceitos essenciais à sua área de atuação, para que possa exercer um bom trabalho e garantir seu lugar no mercado. Haja vista que o mercado se torna cada vez mais competitivo e a cobrança interna é cada vez maior. A educação está cada vez mais envolvida nesse processo. O momento é favorável para uma análise da educação e da atuação do professor já que a mais nova mudança tem sido a reforma do ensino médio. Nessa perspectiva, os estudantes devem ser orientados a lidar com essa situação, tornando-se críticos e reflexivos, devendo isto ser feito primeiramente pela escola.

Entretanto, a família desempenha uma responsabilidade igualmente importante dentro do contexto ensino-aprendizagem, pois o relato dos professores tem enfatizado bastante a dificuldade encontrada quando necessitam dividir o tempo, o qual deveria ser totalmente destinado a exposição de conhecimentos científicos e métodos para gerenciá-los, para suprir as necessidades que os estudantes apresentam em resposta a desestrutura familiar ou pelo menos a carência de apoio, suporte e motivação para tal ato. Portanto, o professor deve exercer sua criticidade em sala de aula de modo a identificar os problemas que dificultam a captação e gerenciamento do conteúdo científico por parte dos discentes. Quando se analisa a influência da família no processo de ensino e aprendizagem, se reconhece que certo acompanhamento escolar para o aluno é de fundamental importância. “O professor tem uma responsabilidade muito maior

hoje do que tinha há vinte anos atrás”, afirma uma professora. Isto mostra que o professor, primeiramente deve estar compromissado com a sociedade, ser consciente de sua responsabilidade como educador e buscar as competências necessárias ao profissional compromissado. Isto remete a uma diferença entre dois tipos de professores, o profissional e o não profissional, dentre os quais, o que pode se comprometer é o profissional, ou seja, aquele que possui as competências cabíveis ao ensino. Sobre a questão afirma Freire (1979, p.07):

Em primeiro lugar, a expressão ‘o compromisso do profissional com a sociedade’ nos apresenta o conceito do compromisso definido pelo complemento ‘do profissional’ ao qual segue o termo ‘com a sociedade’. Somente a presença do complemento na frase indica que não se trata do compromisso de qualquer um, mas do profissional.

É importante refletir, então, que características possui o profissional? Em entrevista com a professora de história Sandra Sales, ela respondeu ao perguntar qual seria o professor ideal atualmente:

Não existe essa fórmula, não existe esse professor ideal, eu acho que o professor está em construção constantemente. Nós chegamos numa sala, por exemplo, eu tenho três salas de segundo ano, a aula que eu dou no 2º ano A, não é a mesma que eu dou no 2º ano B, ainda que seja o mesmo conteúdo, pois tem que mudar muita coisa para que eu chame a atenção do aluno. Por isso digo que o professor é um profissional que está em construção constante. Você recua, você avança, você vai mudando, então a gente sempre vai tentando mesclar a coisa para que você consiga que o aluno entenda que aprender é importante.

A incidência de professores que possuem como metodologia de ensino somente as aulas puramente expositivas ainda é bem significativa. Leva a crer que os tais são os que possuem mais tempo como professores, enquanto os recém-formados atentam melhor para outros meios de ensino. Mas em entrevista com professores que se formaram no máximo há dois anos atrás, eles acreditam que a melhor forma de ensino é a exposição, e o paradoxo se dar em que os mesmos afirmam perceber fadiga nos seus alunos em certo ponto da aula.

Para se entender qual o tipo de professor mais adequado ao hoje, é necessário saber também qual o tipo de ensino mais eficaz e quais objetivos precisa alcançar. Quanto a isto diz Libâneo (2002, p.04):

Na perspectiva sócio-construtivista, o objetivo do ensino é o desenvolvimento das capacidades intelectuais e da subjetividade dos alunos através da assimilação consciente e ativa dos conteúdos. O professor, na sala de aula, utiliza-se dos conteúdos da matéria para ajudar os alunos a desenvolverem competências e habilidades de observar a realidade, perceber as propriedades e características do objeto de estudo, estabelecer relações entre um conhecimento e outro, adquirir métodos de raciocínio, capacidade de pensar por si próprios, fazer comparações entre fatos e acontecimentos, formar conceitos para lidar com eles no dia-a-dia de modo que sejam instrumentos mentais para aplicá-los em situações da vida prática.

Se pretende aqui perceber diante dessas mudanças quais influências a escola Camilo Brasiliense tem padecido diante dessa fase que começa a percutir no ensino médio, e como os professores lidam com seus educandos, e quais novos meios didáticos os docentes têm utilizado no desenvolvimento da educação dentro da comunidade de Antônio Diogo-Redenção-Ce.

Essas fases são normais à escola e à educação, mas a questão importante é como serão tratadas tais mudanças pela escola, desde o núcleo gestor ao próprio professor, que por sua vez acompanha o processo de um modo mais específico. Toda a escola deve assumir seu papel social e crítico, pois se essa

fase for tratada com o devido cuidado pode alavancar o crescimento educacional, mas se for tratado com irresponsabilidade pode anular todas as conquistas já alcançadas.

O educador por sua vez, enfrenta algumas dificuldades dentro do contexto didático-social e isto é extremamente normal. Pois todas as crises que passam a educação são oriundas da sociedade contemporânea e de todas as instâncias do social. E o processo de aprendizagem só tem início quando o próprio indivíduo entende que precisa ser educado, uma vez que a educação deve ser sua chave para o desenvolvimento e para sua completude.

Introduzindo o aspecto social da educação, vale-se questionar por que o homem precisa se educar. Historicamente, antes de surgir a escrita, os conhecimentos eram repassados para as gerações seguintes via oralidade por aqueles que eram mais velhos, pois já tinham conhecimentos suficientes para ensinar aos mais novos, para que assim também fizessem com as gerações que lhes sucedessem. Como o homem chegou ao entendimento da sua incompletude? Segundo Freire (1996) a resposta à pergunta seria porque o homem tem a necessidade de estar inserido na sociedade, ser atuante social e político e buscar melhorias materiais à sua vida. No entanto, esse não é o único questionamento importante. Outra questão a ser abordada remete à necessidade ontológica do ser: como o homem chega ao entendimento de que precisa ser educado? Ainda conforme Freire (1979, p. 14):

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca.

O momento em que o indivíduo reflete sobre sua própria condição existencial ele se descobre incompleto; e esta incompletude o leva a enxergar sua própria realidade, isso gera uma inconformidade no homem levando-o sempre a querer além do que já tem; quando encontra-se nesse limiar ele entende sua

necessidade de saber mais, ou seja, sua necessidade de ser educado para a vida social. Essa necessidade de ser educado leva o homem a procurar ambientes que proporcionem essa educação. É nesse contexto que se interpõe como atuante e mediador da mudança e formação do indivíduo: a escola.

A escola é a personificação material da educação, é nela que se tem um ambiente de relações sociais, relações políticas e até econômicas; pois nela estão pessoas em graus distintos de psique e maturidade e de classe. O professor deve estar ciente desse fato e enxergar a si mesmo como mediador do conhecimento. Portanto, é possível afirmar que não existe prática educativa plena sem a escola e o professor. Professora afirma que: não consigo imaginar o mundo sem escolas. Seria difícil imaginar isso. A escola tem uma grande importância na formação do cidadão. O mundo sem a escola, é um mundo que me faz voltar a um passado ainda bem distante, que nem todo mundo tinha direito a essa escola, direito a essa educação. Então, acho que a violência, a criminalidade, seria muito maior, do que é hoje, se a escola não existisse.

Há saberes necessários a prática educativa; saberes que facilitam o entendimento dessas questões tão cruciais. E esses saberes precisam ser assimilados pela escola e pelo professor. No contexto da mudança, investigada ao longo da pesquisa, entende-se que para ela acontecer é necessário que seja acreditada pela instituição escolar. Por exemplo, não se deve ensinar história como determinante da sociedade, mas a história como possibilidade à sociedade, uma história que possa ser usada para reformar. Pois a educação não veio traçar limites, mas abrir caminhos para o processo de mudança social e construção do conhecimento.

Tendo em vista a reflexão, também o professor deve entender o seu papel de mediador do saber. É necessário entender que não existe conhecimento absoluto, por isso o processo de mudança é tão relevante à educação. Os docentes devem incentivar seus alunos a pensarem, refletirem sobre sua condição de inacabamento, de incompletude e de necessidade de mudança, para que assim possa ser desencadeado esse processo de formação do “ser social”, pois ele começa com a autorreflexão.

Não existe relevância mais contributiva para a sociedade atualmente que entender os caminhos que a educação perpassa até a formação do conhecimento, e o que a Escola pode fazer para proporcionar uma mudança sem limites

na vida social, política e econômica de seus alunos. Isto transcursa todas as questões sociais, políticas, pedagógicas e econômicas que envolvem a educação, pois envolve os caminhos do pensamento humano. Principalmente, com a fase em que se encontra a educação brasileira estas são as razões pelas quais me atrair pela temática educacional no contexto da mudança social, que por si só engloba também os valores políticos e econômicos.

Haja vista a condição, tal investigação é indispensável, pois como será o futuro sem a educação, sem o repasse de saberes e sem a construção do conhecimento, pois uma sociedade sem escola não desenvolve consciência crítica. Afirma professora, se escola não existisse os impactos seriam preocupantes, pois sem a escola os estudantes seguiriam outros meios, dentre esses, a violência, a droga, e etc. a professora ainda reconhece que sua prática hoje via além do convencional, a educação se estende até mesmo na relação familiar.

Contextualmente, tem-se em vista entender com esta pesquisa, como a atuação do professor, como educador crítico contribui para que a educação seja agente transformador da realidade social dos estudantes, contribuindo, desse modo para que a instituição escolar seja ambiente que possibilite a mudança e em associação com a sociedade, nesse caso, a família dos alunos, conduza significativamente a construção do conhecimento necessário para suprir o inacabamento do homem e da melhoria da prática educacional, que é indispensável à sociedade.

Capítulo 03 - ser professor na contemporaneidade: desafios e perspectivas

O sistema educacional no decorrer dos anos vem passando por grandes transformações, sejam pelo fato das emergentes mudanças sociais e políticas, ou também pelos avanços tecnológicos e até simplesmente por se desejarem reformular a atuação da escola junto à sociedade. Tem-se observado que estamos vivenciando a era da informação e a escola precisa acompanhar esse processo de reestruturação dentro dos ambientes escolares, haja vista os mesmos indivíduos atuantes da sociedade, serem os mesmos que estão inseridos em nossas escolas, os quais têm o anseio de utilizar-se muitas vezes das tecnologias existentes e pertencentes ao seu dia-a-dia, atreladas, desse modo, à didática de ensino.

O que se percebe é que a geração que estamos vivendo é bem diferente das que a precederam, desta forma, fica claro que os recursos e metodologias utilizados devem acompanhar estas mesmas mudanças. É notório que uma grande parte de nossos alunos possuem smartphones e, conseqüentemente, tem acesso às informações em segundos ao toque de um dedo e que o professor deixa de ser visto como o detentor do conhecimento e passa a ser o mediador dos saberes e dos conflitos.

Tomando como base os avanços existentes quanto ao acesso à informação, é preciso compreender que a lousa e giz/pincel não são mais suficientes para manter os alunos entusiasmados e instigados na busca pela consolidação do conhecimento, tendo em vista, os discentes desejam aulas mais dinâmicas com a utilização de recursos que os despertem ao verdadeiro aprendizado.

É perceptível que para alguns docentes a tecnologia, mais precisamente o uso do celular, é visto como um empecilho para o bom desenvolvimento dos alunos dentro das escolas. Podemos constatar as intensas queixas dos professores sobre essa questão. Alunos dispersos, atrapalhando as aulas, sendo chamados a atenção diversas vezes e, na grande maioria dos casos, gera a proibição da entrada na escola com o aparelho. Enfim, muitos são os desafios enfrentados dentro da sala de aula. O que se poderia ter como medida paliativa seria a inserção deste como recurso facilitador do aprendizado.

Um fator que implica à boa atuação do professor é a dimensão cultural no qual o aluno está inserido, considerando-se, esta, refletir diretamente dentro das escolas. Desta forma faz-se necessário neste momento a presença do professor como agente sócio cultural. Cabe a este, ser o profissional que realiza uma ligação entre a cultura existente nas adjacências da escola ou pertencentes à vivência dos educandos, ao universo educacional a que a escola está inserida. Assim sendo, o professor consegue realizar algo que se almeja por muitas escolas: a participação ativa da comunidade.

O professor às vezes é propagador da cultura local, contribuindo desta forma, para que o aluno, que possui um conhecimento devido está inserido no meio social, possa neste momento ser peça fundamental na divulgação e valorização da sua cultura. Pode-se também, dentro dessa mesma ótica, serem criados projetos em que sejam valorizadas tanto as habilidades dos alunos, dentre

elas: teatro, dança, pintura, etc. quanto às inerentes aos moradores da localidade em que a escola está inserida.

Vale ressaltar que muitos são os desafios enfrentados pelo professor em sala de aula, dentre eles estão a dificuldade em repassar o conteúdo atrelado à didática do ensino de modo a dirimir a distância entre o aprendente e o objeto estudado. Pois muitas vezes o professor tem conhecimento suficiente sobre o conteúdo em questão, porém não provém de uma didática que consiga desenvolver no educando o interesse em construir ativamente o conhecimento e aprendizagem significativa. O que falta a este professor para que realize um de seus maiores sonhos, tornarem suas aulas produtivas e atrativas, onde os alunos são os protagonistas deste aprendizado e o professor, o mediador com seu embasamento teórico e prático?

Outro fator desafiador ao educador na contemporaneidade é conseguir lidar com a indisciplina existente nas salas de aula, onde os discentes, por muitas vezes, querem transformar o ambiente educacional em verdadeiros campos de batalha onde o desrespeito, xingamentos, discussões, agressões verbais e muitas vezes físicas tanto entre aluno-aluno, quanto aluno-professor tem prevalecido. Demonstrações de violência no espaço da aula é muito comum nos dias de hoje, no entanto, o registro dessa violência não é tão atual. Segundo Charlot:

Assim, no século XIX, houve, em certas escolas de 2^o Grau, algumas explosões violentas, sancionadas com prisão. Da mesma forma, as relações entre alunos eram freqüentemente bastante grosseiras nos estabelecimentos de ensino profissional dos anos 50 ou 60. (CHARLOT, 2002, p. 432)

Outro desafio enfrentado pelo professor em sala de aula é o de se deixar desanimado pela desvalorização do trabalho que desempenha. Desvalorização essa que é evidenciada pela falta de uma remuneração satisfatória, a falta de interesse dos alunos, e até pela desonra social² que sofre. Esta desvalorização

² Antigamente ser professor tinha certo prestígio social, o contrário acontece hoje, ser professor estar nos lugares profissionais menos valorizados, hoje há falta de professores especializados nas escolas, os jovens não pretendem cursar licenciatura, querem medicina, direito, engenharia, consideradas áreas mais prestigiadas, o professor sofre uma espécie de desonra social.

mexe com o emocional do profissional, haja vista ele ser muito importante para o bom desempenho da profissão, pois deve ser uma entrega à tarefa que realiza, ou seja, um comprometimento total e eficaz. No caso do professor, o fator é ainda mais preocupante, pois a educação é a base de todas as demais áreas da sociedade, todos os profissionais passam antes pelo período da escolarização, sendo que, o professor estar no centro de todo esse processo.

Outro desafio que o docente enfrenta dentro da sala de aula é a falta de acompanhamento familiar. Ora pelo fato de a família do discente ser/estar desestruturada ou pelo fato do aluno por ser “independente” ao realizar as tarefas escolares, por exemplo, os pais acreditem não necessitar mais realizar um acompanhamento ou ir à escola conversar com os professores e demais profissionais que solicitar. Pois numa maioria contam-se as reuniões e/ou eventos em que seja solicitada a presença destes, que compareçam a instituição de ensino.

Muitas das vezes a educação informal, comportamental, de valores, como se comportar em sociedade, como respeitar as pessoas e o ambiente nele inserido, diz respeito também da atuação do professor, tendo em vista que a grande maioria das vezes os pais acabam transferindo essa responsabilidade que é de cunho familiar às escolas, mais precisamente ao professor, pois ele é quem possui uma ligação mais próxima com o aluno pelo fato de ter uma relação diária com ele.

Para quê professores numa sociedade, que há muito, superou a importância destes na formação das crianças e dos jovens, mas que também é muito mais ágil e eficaz em trabalhar as informações? E então, para que formar professores? Contrapondo-me a essa corrente de desvalorização profissional do professor e as concepções que considerem como simples técnico reproduzidor de conhecimento e/ou monitor de programas pré-elaborados, investidos na formação do professor entendendo que na sociedade contemporânea cada vez se torna necessário seu trabalho enquanto mediação nos processos constitutivos da cidadania dos alunos, para o que concorre à superação do fracasso e das desigualdades. O que me parece, importância impõe a necessidade de repensar a formação de professores (PIMENTA, 1997, p.1).

É sabido que o professor em sala tem mais desafios a enfrentar do que se imagina, como por exemplo, ao se trabalhar com alunos com necessidades

educacionais especiais requer do educador muitas vezes uma capacitação, um conhecimento da especialidade que irá atender em sala, pois incluir um aluno sem excluí-lo é uma tarefa árdua, pois incluir vai muito além de estar junto. Que potencialidades o professor desenvolverá neste aluno a ponto de integrá-lo? Quais habilidades o educador precisará ter para atuar atendendo a proposta curricular e os objetivos de ensino?

Desta forma, é perceptível que ao professor é oferecido um auxílio no que tange à execução desta inclusão em sala, assegurada por lei. Quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação em seu artigo 58 ao mencionar ser no ensino regular que estes alunos serão atendidos, deixa claro que os professores serão capacitados para atender estes indivíduos. Já em seu art. 59 a lei assegura:

Os professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns (BRASIL, 2002)

No entanto, o que se observa, são salas de aulas com número elevado de educandos e, professores perdidos por ter que dar conta da ministração dos conteúdos e assistir ao aluno que foi “incluído” de maneira arbitrária, tendo em vista não oferecer o que está posto em lei, que é a devida especialização ao docente.

Outro fator que causa insatisfação ao professor é quando lhe é solicitado, por exemplo, que leccione uma disciplina que não é a mesma de sua formação acadêmica. O que poderá desencadear diversos riscos: o de o professor não dominar o conteúdo, ou mesmo tendo um mínimo de conhecimento sobre o que irá ministrar não possuir didática, ou seja, não ter maneiras mais simplificadas que consiga levar o aluno a construir o conhecimento porque nem ele mesmo tem segurança se determinada habilidade poderá ser desenvolvida de uma maneira mais dinâmica, ou mais palpável a mais próxima da realidade do aluno. Problemas relativos à didática só podem ser solucionados com investimento na formação dos professores, tornando-os educadores. Portanto, deve-se levar em conta os vários estilos de professores que precisam ser melhorados, mas um em

especial, por ser o modelo tradicional, ou o mais encontrado nas salas de aula. Nesse sentido, Libâneo (2002, p. 04) diz que:

Há diversos tipos de professores. Os mais tradicionais contentam-se em transmitir a matéria que está no livro didático, por meio de aula expositiva. É o *estilo professor-transmissor de conteúdo*. Suas aulas são sempre iguais, o método de ensino é quase o mesmo para todas as matérias, independentemente da idade e das características individuais e sociais dos alunos. Pode até ser que essas práticas de passar a matéria, dar exercícios e depois cobrar o conteúdo na prova, tenham algum resultado positivo.

Muito se observa essa prática tradicional em diversas instituições escolares brasileiras, mas consegue-se perceber que apesar de o autor defender que se obtenha um resultado positivo e de fato tem, mas não vem a ser o resultado almejado que é o de o professor deixar o aluno construir o conhecimento através da mediação, instigando-os a desenvolverem essa autonomia da busca pelo conhecimento. Outra característica a ser refletida pelo autor é a de o educador levar em conta a individualidade do aluno e aplicar estratégias provenientes de sua formação acadêmica, ou experiências adquiridas na prática. Neste momento há um confronto onde tudo que funcionava na teoria, na prática chega a fracassar. A didática em si possui boas soluções ao melhoramento do professor, no entanto, os esforços em aplicá-la ainda estão bem distantes da realidade da educação dos dias de hoje.

3.1 - Antigas e novas formas de atuação pedagógica do professor

Pode-se dizer que um dos assuntos educacionais que mais está em pauta hoje é a questão da formação profissional do educador. As dificuldades enfrentadas pelo professor são muitas, dentre elas, a que é mais preponderante nessa questão é a falta de incentivos do estado para a sua preparação, a formação, tendo em vista as diversas situações a que é exposto no dia a dia de sua profissão. Dentre as antigas e novas formas de atuação pedagógicas, é necessário se

colocar em foco que mudanças serão indispensáveis para um novo salto educacional nesse século.

As ferramentas pedagógicas do professor são dadas segundo a carência de ensino-aprendizagem do corpo estudantil. Contudo, o estado deve concentrar seus incentivos relativos à educação para a melhor formação do docente e para melhores condições de trabalho e valoração de seu salário, haja vista o professor ser o profissional que está na fronteira de todo e qualquer processo pelo qual passe a educação.³No Brasil, as carências educacionais estão deixando muitos brasileiros à margem. Mais de 22% dos 25 milhões da mão-de-obra disponível para integrar a força de trabalho brasileira em 2010 não foram considerados qualificados para atender as demandas do mercado. Segundo os Dados, o Brasil se encontra limitado pelas crises na educação que, por sua vez, fazem parte da situação nacional e, também por falta de um sistema educacional mais forte e presente.

Compreende-se que uma parcela dos egressos da escola não se encontra habilitados para assumir as vagas disponíveis no mercado de trabalho. Uma hipótese é que possivelmente esteja havendo um desencontro do que se está sendo exigido dos profissionais no âmbito do mercado, comparado a formação que lhes é ofertada. No entanto, a responsabilidade educacional recai também sobre a família, que costumeiramente terceiriza as responsabilidades da formação ética e moral do aluno à escola e ao professor, causando, desse modo, uma inversão de valores, escola ensina, família educa.

Tendo consciência das atuais dificuldades, a educação em sala de aula deve ser priorizada, bem como a preparação do profissional, ou seja, os cursos de licenciatura devem ser voltados à aprendizagem cooperativa e construtivista, tendo em vista que se mostra mais condicionante para o desenvolvimento de habilidades por meio da assimilação consciente do conteúdo.

O perfil atual do professor deve ser ressignificado, comparando-se ao perfil passado em que este tinha a responsabilidade de expor o conteúdo proposto

(Por The New York Times)

³ Carência educacional limita crescimento brasileiro | The New York Times. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/nytimes/2010/09/05/carencias-na-educacao-limitam-o-crescimento-do-brasil.jhtm>. Acesso em: 18 de Nov. 2017.

pela escola e mesmo assim os ganhos não eram tão satisfatórios, hoje o professor é desafiado a uma nova significância de sua atuação, de abandonar seu papel de detentor do conhecimento para a posição de mediador, para que, assim, o aluno se sinta no controle do processo do aprendizado, dependendo também de seu interesse pelo estudar, isto é, sua autonomia no estudar. Assim sendo, se ver que o perfil do professor transmissor de conteúdo, apesar de conseguir conquistar alguns ganhos, estes não se mostram suficientes em relação a um grande salto no desenvolvimento de habilidades cognitivas por parte dos educandos.

De acordo com Libâneo (2002) o desempenho do aluno depende também da atuação do professor, pois não se formarão bons alunos sem antes se formar bons professores. E o que significa formar um bom professor? Para responder à pergunta temos que analisar as antigas e novas formas de atuação pedagógica, levando em consideração o extenso discurso que se tem espalhado pelos meios de comunicação em geral e sempre em pauta a formação didática dos educadores e as atuais necessidades educacionais. Talvez pela diversificação de pensamentos a respeito da questão é que se surgem tantas abordagens sobre o assunto.

Acredita-se que analisando todos os problemas externos é que se resolverão os déficits na aprendizagem, por se ter a ideia de que a sociedade sempre determina as ações educacionais, no entanto, tais problemas são resultantes da falta de preparação dos docentes e de falhas na gestão da educação e dos seus recursos no âmbito da escola.

À primeira vista, devem ser tratados os problemas na didática de aula do docente, pois se o objetivo é o aprendizado satisfatório, isto deve ser feito de uma forma romântica, ou seja, concentrando em despertar a paixão pela educação nos professores, mais precisamente, o papel mediador. Uma das grandes dificuldades é lidar com alunos avessos a aula que é dada.

Mas a escola é a forma material da educação, afirmar isso é bem mais do que dizer que a educação é um prédio, é inferir que todos os ganhos e perdas da educação se refletem na escola, e o mais importante, deve-se atentar que a escola estar no meio social, portanto faz-se um conjunto hierárquico, desse modo, o processo educacional segue um ciclo. Primeiramente, os alunos vêm

de diferentes meios sociais, e a escola precisa deter a estrutura e infraestrutura necessária ao acolhimento destes.

Depois como a escola irá reaproveitar os conceitos trazidos pelos alunos do meio social é outra questão a se refletir, e isto já remete à atuação do professor. Acredito que relativo as formas de atuação pedagógica, o professor ideal ao nosso tempo seria, deste modo, um mesclado de três categorias, o mestre, o professor e o educador, tendo em vista, suas características particulares. O professor que surge dessa junção é o professor-mediador, que sugere Libâneo (2002, p. 06):

Sugerimos para quem deseja um ensino eficaz, tendo em vista aprendizagens mais sólidas dos alunos, a metáfora do *professor-mediador*. Quais são as características do professor mediador? O que caracteriza uma didática baseada no princípio da mediação? Numa formulação sintética, boa didática significa um tipo de trabalho na sala de aula em que o professor atua como mediador da relação cognitiva do aluno com a matéria. Há uma condução eficaz da aula quando o professor assegura, pelo seu trabalho, o encontro bem sucedido entre o aluno e a matéria de estudo. Em outras palavras, o ensino satisfatório é aquele em que o professor põe em prática e dirige as condições e os modos que asseguram um processo de conhecimento pelo aluno.

Entre as adversas situações pelas quais passa a educação, o auxílio da didática de cooperação e construção do perfil do aluno contemporâneo, se mostra melhor capacitada à formação de alunos participativos, críticos e construtores do próprio saber. Assumindo o papel didático da mediação, o educador superará até mesmo as maiores adversidades do mundo escolar. Tendo em vista a era em que vivemos hoje, a era da informatização, que por sua vez, torna o saber ao alcance de todos, a posição de detentor do conhecimento não funciona mais ao docente. Os laços entre aluno e mestre devem ser estreitados para que com essa relação possa se estabelecer uma conexão mais firme entre o que se passa diretamente ao pensamento interpretativo do discente.

3.2 Adeus professor ou multiprofessor

Ultimamente se tem discutido muito a relevância da atuação do professor para a sociedade. Haja vista existir uma crise no sistema educacional, a credibilidade do professor como profissional entra em risco no Brasil de hoje⁴. Vivemos em um período em que o acesso a informação está ao espaço de um clique do mouse e, com o avanço da rede mundial de computadores, será que o professor deixará de ser necessário na busca pelo conhecimento? Contudo, o professor não é importante somente à escola de maneira privativa, pois sua atuação vai além do espaço da sala de aula. Como bem afirma Freire (2001, p. 47):

Não há prática educativa, como de resto nenhuma prática, que escape a limites. Limites ideológicos, epistemológicos, políticos, econômicos, culturais. (...). Creio que a melhor afirmação para definir o alcance da prática educativa em face dos limites a que se submete é a seguinte: não podendo tudo, a prática educativa pode alguma coisa. (...). Esta afirmação recusa, de um lado, o otimismo ingênuo que tem na educação a chave das transformações sociais, a solução para todos os problemas; de outro, o pessimismo igualmente acrítico e mecanicista de acordo com o qual a educação, enquanto supra-estrutura, só pode algo depois das transformações infra-estruturais.

Tendo em vista o exposto por Freire, isto mostra que a amplitude da atuação educacional do professor, ou melhor, enquanto agente de certa transformação, também se limita, no entanto, a educação tem a sua importância. O momento pede uma ressignificação da profissão do professor, da sua identidade profissional, a luta por melhor salário e oportunidades, servindo, desse modo, ao benefício da qualidade do ensino-aprendizagem, mais precisamente nas questões relativas à didática do professor.

⁴ Com o advento e avanço das tecnologias da informação o aluno pode encontrar qualquer resposta somente com um clicar do mouse, isto causa temor e insegurança em alguns educadores, pelo fato de sua atuação por conta do avanço da Tics não ser mais necessária, ou ser desvalorizada.

Haja vista as mudanças que vem ocorrendo no cenário educacional nos últimos anos, vale refletir essas mudanças desde as duas categorias de instituição escolar. Quanto a isso diz ⁵Jussara de Barros salienta que a escola tradicional, que por sua vez é a base da escola enquanto instituição, distinguir-se pela individualização do saber, em contraste, a escola moderna, é marcada pela circulação do conhecimento, ou seja, se preocupa em formar um ser social que seja capaz de desempenhar papéis trabalhistas, mas também sua tarefa política e cultural, isto é, uma formação continuada.

Esse contraste é evidenciado pela relação entre educação e capitalismo, haja vista se encontrar guiada por este, em que a circulação do conhecimento significa dizer que a escola moderna possui uma produção autônoma de saberes, o que se mostra na sua essência, enquanto o outro modelo é marcado por uma reprodução do conhecimento, ou seja, não há mudança e nem reconfiguração dos saberes. Assim sendo, esse conhecimento serve aos objetivos de um Estado capitalista, utilizando a educação como meio reprodutor de seus interesses.

Todas essas transformações que a educação passou, trazem a necessidade de construção de um novo significado para o magistério, sobretudo nos cursos de licenciatura, de modo a se refletir a formação do professor, preparando-o didaticamente, mas também o conscientizando das dificuldades enfrentadas na realidade de sala de aula. Isto pode ser possível se for estabelecido um vínculo entre escola e universidade, entre formandos e professores formados, para que os que já enfrentam a prática da sala de aula, possam expor as dificuldades enfrentadas e, desse modo, possibilitando o conhecimento destas e criando condições para que sejam estudadas.

Hoje o professor não se limita somente ao espaço da sala de aula, pois o processo do aprendizado demanda cada vez mais que ele seja multi. Afirma a professora X: na educação a gente tem a responsabilidade social, você trabalha muito o esse lado, a questão de os alunos dominarem o trabalhar em equipe, o

⁵ JUSSARA, Barros de. Pedagogia que vai além da sala de aula. Disponível em <<https://www.devrybrasil.edu.br/faci/noticias/pedagogia-que-vai-alem-da-sala-de-aula>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

respeito com o próximo, a limitação do próximo, com o espaço do próximo. Eu acho que esse trabalhar o social, o desenvolvimento social do aluno, o ajuda quando ele chega no mercado. Assumindo um compromisso real com a sociedade, e periodicamente desempenhando seu papel, o professor tende a se avaliar e a perceber as suas falhas; e isto o obriga a multiplicar seus esforços tendo em vista a aprendizagem de seus alunos. E como se ver, a atuação deste vai além da sala e do repasse de saberes escolares.

Com a crescente violência, também não são poucos os casos de desrespeito ao docente e até violência física. E qual professor já não teve que lidar com alunos insolente e sem limites, ou até mesmo drogados? Em entrevista para minha pesquisa a professora X relatou que, “existem alunos que no primeiro momento eles se sentem atraídos em falar, conversar, algo que ele não era permitido lá fora com alguém que respeite esse sentimento. Já tem outros que se afastam, que não querem muito”. O fato relatado pela professora remete à relação professor-aluno, que é indispensável ao aprendizado em sala de aula e que precisa ser cada vez mais incentivado e trabalhado pela escola enquanto espaço de relações sociais.

A atuação docente não se limita a sala de aula, mas possui seus limites por depender da realidade educacional dos alunos. A educação está em uma constante modificação, caracterizada por atualização e substituição dos seus parâmetros, assim como o professor também. Se vive em um momento em que a didática necessária ao aprendizado não é a mesma, a sociedade mudou, a escola mudou, os alunos mudaram, portanto, o professor teve que se adequar, ou melhor, se atualizar nos campos pedagógico e didático, ampliando, desse modo, seu campo de atuação além da sala de aula.

A necessidade educacional hoje estar mais ligada ao capitalismo, pois o incentivo a reflexão e a criticidade estão praticamente extintas, o que se confirma pela nova reforma do ensino médio⁶, haja vista a mesma ter como opção o en-

⁶ MEDIDA PROVISÓRIA No - 746, DE 22 DE SETEMBRO DE 2016 Institui a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, e a Lei nº 11.494 de 20 de junho 2007, que regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação, e dá outras providências.

sino técnico, que logo capacita o aluno para o mercado de trabalho, não deixando espaço em seus anseios para uma formação acadêmica, por mais que alguns ainda escolham a formação superior, mas a ansiedade pelo trabalho e independência os levam a escolher uma formação técnica, levando em consideração o tempo de formação ser menos demorado. Com isso, as chances de o mesmo sentir-se impulsionado a cursar ensino superior são muito baixas.

Segundo Dayrel (2003) isto acarreta um problema na educação, a mecaniza, causa o esquecimento de que os jovens são sujeitos sociais, e em aproximação com a pesquisa, devem ser tratados primeiramente em sua forma ontológica, e não centrada no grupo, mas na individualidade do ser.

Esse momento é marcado pela grande presença dos meios de comunicação e estar cada vez mais em pauta a questão da formação continuada dos docentes, pois surgiu-se a necessidade de o professor ser muito mais necessário hoje do que antigamente. Tomando por base a preparação destes no sentido da inclusão dos meios de comunicação em sala de aula. A formação continuada implica em o professor estar em um constante aprendizado, atualizando-se nas questões referentes a sua didática, contudo ressaltando o seu papel crítico e inovador. Crítico no sentido de reconhecer as didáticas de efeito e as que possuem um efeito pouco efetivo. Sempre foi um desafio para o professor o captar a atenção dos seus alunos, conseguir prendê-lo ao conteúdo, ou melhor, a aula em si, repassar o conteúdo.

Este fator da atenção do aluno é muito importante, pois será através dele que o professor conseguirá exercer seu papel mediador. Portanto, hoje torna-se necessário o profissional da educação se permitir a uma reavaliação de sua didática, assim sendo, a contribuir ao aprendizado que possibilita o desenvolvimento, ou seja, o processo de mudança social. Com o avanço da tecnologia o professor terá perdido seu espaço? Em entrevista, percebi que a visão em respeito a esse aspecto ainda é fraca por parte dos professores. Ao ser questionada sobre como tornar o conhecimento mais acessível, afirma professora X: a forma de se tornar acessível é você também se tornar acessível. Sabe, quando o professor cria vínculos com os alunos, ele torna mais fácil o aluno chegar a aprendizagem.

A questão da parceria professor-aluno. E essa parceria é importante para a construção do conhecimento. Apesar do discurso favorável, a estratégia na prática é distinta, a certa distância da teoria e prática real do ensino na escola.

Como dito anteriormente, esse é o período da informação, onde o acesso a mesma está a distância de um clique, o que faz da atuação do professor algo cada vez mais difícil, pois os alunos pensam porque ouvir o professor se a internet encontra tudo o que quero. Mas dentro do contexto, o que o professor deve fazer? Continuar a se endurecer a esse sentido, ou se apossar dessa oportunidade para se atualizar, ou seja, aproveitar a influência das mídias para o enriquecimento da aula? Por certo a atualização da profissão frente às configurações do sistema educativo é crucial. A professora ⁷Sandra Sales acredita que,

Não existe essa fórmula, não existe esse professor ideal, eu acho que o professor está em construção constantemente. Nós chegamos numa sala, por exemplo, eu tenho três salas de segundo ano, a aula que eu dou no 2º ano a não é a mesma que e o dou no 2º ano b, ainda que seja o mesmo conteúdo, pois tem que mudar muita coisa para que eu chame a atenção do aluno. Por isso digo que o professor é um profissional que está em construção constante. Você recua, você avança, você vai mudando, então a gente sempre vai tentando mesclar a coisa para que você consiga que o aluno entenda que aprender é importante.

Dentre essa e muitas outras questões, se propõe aqui dissertar sobre o papel do professor e sobre a questão do multiprofessor, sendo que sua atuação se torna cada vez mais ampla no contexto do aprendizado. Dentre as muitas profissões, o magistério está correndo risco de extinção, justamente pelo fato do âmbito de sua atuação ter aumentando vertiginosamente. Nunca se houve uma

⁷ Professora lotada nas disciplinas de História e Sociologia no colégio de ensino médio Camilo Brasiliense, onde foi realizado entrevista, em Antônio Diogo.

época em que as empresas buscam cada vez mais por professores especializados em sua área de ensino. A procura das empresas por pedagogos e psicopedagogos é cada vez mais crescente. Além disso, as escolas carecem cada vez mais de professores licenciados em disciplinas específicas, porém, a procura não tem tido sucesso, haja vista os professores estarem migrando para empresas em que as oportunidades são melhores ao trabalho e que se tem melhor pagamento do salário.

⁸Uma notícia feita pela jornalista Veruska Donato no site O Globo de São Paulo, mostra que a crise da contratação de professores tem aumentado significativamente, pois o número de professores licenciados tem diminuído nos últimos anos, dos 52 mil formados em 2011, menos da metade fizeram licenciatura para dar aulas. Chegou o tempo em que o professor deve se reconfigurar, ou seja, resignificar sua atuação, pois a além de sua atuação ser desacreditada, desvalorizada, sua importância ainda é vital à educação.

3.3- As percepções dos professores da escola Camilo Brasiliense em relação às adversidades do mundo escolar

A escola surge de uma necessidade social e essa necessidade é a questão do saber para ser, ou seja, só existimos quando conhecemos a existência, existência esta que é o viver em sociedade. A escola possui uma profunda relação com a vida social, uma não existe sem a outra. Quando a sociedade sofre alguma mudança, a educação também sofre, já ressaltava Durkheim (2011). O processo de aprendizado é uma das questões mais discutidas atualmente, pois contextualmente, o professor é o responsável por ser mediador deste, uma vez que, quando algo dar errado o professor é o mais culpado, mesmo que não tenha culpa. Por conta disso, o professor devia ser o mais honrado quando a educação tem seus ganhos, no entanto, os gestores e o Ministério da Educação recebe o crédito por tudo, e seu nome é raramente mencionado em elogios.

⁸ DONATO, Veruska. Faltam professores de matérias específicas nas salas de aulas do país. Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/03/faltam-professores-de-materias-especificas-nas-salas-de-aulas-do-pais.html>. > Acesso em: 14 nov. 2017.

Nessa perspectiva, foi realizada entrevistas com alguns professores da escola Camilo Brasiliense, localizada em Antônio Diogo, visando perceber a importância da escola e do professor na sociedade, de modo a buscar compreender as importâncias e impactos da educação na vida social dos alunos, e quais as adversidades enfrentadas hoje pelos professores em busca do ensino ideal e satisfatório.

Um dos relatos do professor ⁹Claudio Fernandes, sobre a educação diz respeito: “o desenvolvimento abarca as mudanças ao longo da vida, mas é na educação que podemos perceber as diversidades dos comportamentos humanos, e o caminho para o crescimento intelectual e a formação social do indivíduo”.

Se pode perceber através da visão do professor que educação para ele, perpassa a sociedade como instrumento para o comportamento humano, ou seja, tem grande importância para o incentivo das relações sociais e também como chave para a completude humana, cuja conquista maior do professor é o aprendizado dos seus alunos. A educação se materializa através da Escola e se essa não existisse, responde professor ¹⁰Douglas: “a educação materializada na escola é resultado de uma construção histórica, sem essa instituição a civilização mal teria dado seus primeiros passos”.

A primeira vista, a visão educacional dos professores parece ser contrária, pois enquanto o professor 1 afirma que a educação serve para perceber o comportamento humano e se constitui meio para a intelectualidade e formação social, o professor 2 afirma que a educação não é determinante da sociedade, mas é determinação da história, dos comportamentos humanos, que levaram prática educativa ao lugar que se encontra hoje. Porém, apesar de terem formações diferentes, há certa especificidade no pensamento dos dois professores, diria até certa comunicação entre os dois, pois os comportamentos humanos são resultados de seus intelectos, de seus pensamentos, retomando o pensamento de a educação surgir de uma carência social.

Segundo Freire (1979, p.14),

⁹ Professor de filosofia adjunto da Escola Camilo Brasiliense.

¹⁰ Professor de história lotado na escola Camilo Brasiliense.

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca.

A educação passa por transformações nos últimos anos, e o professor precisa acompanhar todas as mudanças subseqüentes. Um dos maiores desafios do professor atualmente é controlar as turmas que cada vez mais se tornam hostis, os alunos em suas agitações estão cada vez mais difíceis de se comportarem em sala de aula. Essa agitação é relativa ao turbilhão de emoções que a ansiedade causa, principalmente nos jovens isto é muito comum, mas não somente isso, pois falta certo respeito em relação ao professor. Mas vale ressaltar que isto também pode vir a ser um sinal da insatisfação dos alunos com a aula, relativo à metodologia aplicada pelo professor. O mesmo deve estar atento aos seus educandos, tendo em vista a melhor aplicação de sua didática para o ensino, desse modo, ao perceber as insatisfações e buscar formas ao encantamento até mesmo dos alunos mais hostis.

Os professores estão demonstrando uma angústia sobre a questão da violência e da droga que atinge até mesmo a vivência escolar dos jovens. Ouvindo o desabafo de alguns professores, um relatou que já precisou lidar com alunos que chegaram drogados em sala de aula e também alunos que chegaram no ensino médio e que eram “olheiros” de traficantes desde os oito anos de idade.

Diante de um caso preocupante como este, remete a discussão da importância da atuação social do professor. No entanto, a família possui sua responsabilidade, não dar para a escola oferecer a educação que o indivíduo não traz de casa. Apesar de não constituir grau de valorização, não ter um salário adequado, não deixou de ter sua relevância ética e social. Imaginando a sociedade sem escola e professor, leva a crer que se constituiria caos social, pois toda ordem passa pelo processo do ensinar e aprender. Muitas são as adversidades enfrentadas pelos professores, tanto dentro como fora da escola e estas afetam

diretamente o emocional do professor. De acordo com Ferrão Candau (2014, p.3),

Junto às condições de trabalho precárias que a grande maioria dos professores enfrenta, é possível detectar um crescente mal-estar entre os profissionais da educação. Insegurança, estresse, angústia parecem cada vez mais acompanhar o dia a dia dos docentes. Sua autoridade intelectual e preparação profissional são frequentemente questionadas. Ser professor hoje se vem transformando em uma atividade que desafia sua resistência, saúde e equilíbrio emocional, capacidade de enfrentar conflitos e construir diariamente experiências pedagógicas significativas.

A autora expõe no trecho os motivos mais frequentes pelo qual muitos professores têm deixado seus postos em sala para seguir outro rumo profissional. Pois diante dessa realidade, falta de condições de trabalho é comum ainda se ter a imagem do professor experiente como um indivíduo com problemas nas cordas vocais pelo fato do grande esforço que fazia para ser ouvido, e de aparência doente e envelhecida pelo estresse da sala de aula.

A educação hoje não alcança melhores resultados não somente por culpa do professor, segundo professora Sandra Sales, que leciona História e Sociologia:

A educação tem mudado muito ao longo desse período que eu estou como professora. Infelizmente, até por uma questão educacional, por uma questão de família mesmo, de base familiar, esteja repercutindo dentro desse cenário da educação né. Hoje dar aula não é mais como se fazia antes, você não tem mais a mesma recepção, normalmente os alunos estão perdendo o interesse, e os professores estão tendo um desafio cada vez maior, que é tentar transformar a educação em algo ainda mais atrativo, que eles consigam entender que essa é a base. Eles precisam entender que precisam dessa educação para que eles possam conseguir um futuro mais concreto, com mais perspectivas.

Portanto o Estado, sobretudo, deve atentar para a valorização do professor, incentivando a boa formação e a formação continuada, que remetem a formação mais específica do professor, dando-lhe base suficiente para o desenvolvimento do ¹¹Aprender a Aprender, conceito trabalhado por ¹²Newton Duarte, discutidas nas leis de Vigotsky.

Essa conceituação parece constituir uma das questões mais discutidas no atual cenário educacional, trazendo para a questão principal do discurso, a formação do professor. Se a educação tem grande importância socialmente, se caso a atuação do professor se tornar inválida, então não existirão mais escolas, desse modo, iremos nos transportar a gênese de tudo. Mesmo que hajam escolas, no entanto, sem a figura do professor, as instituições escolares serão informatizadas, mas quem estará diante das telas para ministrar as aulas?

Por mais que a classe burguesa procure desestimular o professorado, porém a atuação docente não deixará de coexistir com a sociedade. Não faz sen-

¹¹ Duarte, Newton Vigotsky e o “aprender a aprender”: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana/ Newton Duarte — 2. ed. rev. e ampl. — Campinas, SP: Autores

Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea).

¹² Nascido na cidade de São Paulo, graduou-se em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos em 1985 e obteve o título de Mestre em Educação pela mesma universidade em 1987.

tido pensar a história da Humanidade sem a escola, nem pensar o desenvolvimento das revoluções sem as classes estudantis e a força que a escola e suas camadas desempenham na mudança, na transformação.

Por mais que tenha se chegado um tempo em que a educação esteja em crise em todos os sentidos possíveis, a valorização do educador é a chave para a superação de todas as mazelas socioculturais que ainda existam. Os professores devem se tornar educadores, pois para ensinar só é preciso saber, mas para educar é preciso ser, portanto, é necessário que se tome consciência que sempre existirão adversidades no meio educacional, afinal, são por causa delas que existem objetivos a serem alcançados, porém que se invista no professor, para que eles se tornem educadores. O ensino é a característica do repasse de conhecimentos, no entanto, a educação é a atitude do preparo minucioso, cuidado de ourives, como quem se lapida uma joia preciosa, essa é a educação necessária aos nossos dias.

4. A prática pedagógica do professor crítico

Todos os fatos e colocações feitos ao longo desse trabalho giram em torno do professor e de sua atividade, tendo como problemática a formação de educadores e sua prática pedagógica, sobretudo em relação aos métodos utilizados ao melhor aprendizado, e estes com o objetivo de se alcançar um maior desempenho na construção do conhecimento, reconhecendo que isto só será possível se o professor cumprir sua responsabilidade social, assim, se valendo de seu papel crítico e comprometido com a educação. Professora X fala sobre criticidade: a educação é a principal responsabilidade da escola, então, nós formamos cidadãos críticos, a escola é para formar cidadãos críticos, a partir do momento em que você tem essa visão crítica de alguma realidade, não crítica no sentido de simplesmente de apontar o que é negativo, mas em mostrar o que não está dando certo e nesse mesmo contexto apontar uma solução. Eu acho de fundamental importância essa visão da crítica, dele entender o que está acontecendo ao entorno dele. Para a partir de aí ele começar a vir, a surgir, a questionar, a duvidar, a mostrar soluções, e assim é uma forma dele participar diretamente de todo o processo social, político.

A prática pedagógica do professor remete aos modos como ele introduz o conhecimento em um ponto que o aluno possa exercer autonomia em seus aprendizados. E quanto ao professor, se o fará na forma de exposição oral ou se valerá de outros métodos, assim, referindo-me a didática propriamente dita, tendo em vista a busca por métodos mais eficazes à construção do saber e da autonomia e do ethos da educação histórico-constructiva. A Professora X afirma que o professor precisa ser acessível ao aluno, fator que mostra mudança no pensamento didático arcaico, que era caracterizado por posição autoritária e fechada do educador.

O discurso que se ver em algumas escolas é romântico de se ouvir, mas infelizmente o processo na prática é bem diferente. Mas cada instituição escolar demanda sua própria necessidade. Em entrevista, percebeu-se fatores que demonstram mudanças significantes no pensamento dos educadores, no entanto, deve se refletir cada vez mais a atuação deste. Professora X reconhece que mudanças deveriam ser feitas na questão da troca de informações, de conhecimento, pois hoje o professor não tem a função só disto. Além de repassar conhecimento, deve compreender que sua atuação diz respeito a tudo, ou seja, deve trabalhar o respeito com os gêneros, respeito a si mesmo, a questão da responsabilidade, tudo isso é a escola que está fazendo. Toda essa responsabilidade que já era para eles ter do ambiente familiar é a escola que tem inserido.

Nesse sentido, a necessidade educacional, que por sua vez, não é o que o Ministério da Educação alega como necessidade educacional, como já foi dito, ela é aqui colocada como a que dita sua própria carência, posso até mencioná-la de outro modo, como sendo a carência dos próprios alunos no processo de aprendizado, assim sendo, necessidade educacional, é, por conseguinte, também a necessidade didática dos professores em geral, isto reconhecendo a relação entre discente e docente na construção do saber.

Para Freire (1979) o próprio homem reconhece sua necessidade de se educar, em relação a isso é importante ressaltar na perspectiva do aprendizado o papel de mediação do professor, pois comparando às formas mais tradicionais de se dar aula, não havia uma mediação, o que era mais presente era a exposição dos conteúdos, sendo que o acompanhamento pedagógico não era tão presente. Mesmo que o próprio aluno reconheça que precisa ser educado para a

vida social, o professor ainda será o maior responsável por guiar esse processo de formação do aluno.

Nesse aspecto, a didática é importante para a atuação do professor, pois sem ela muito dificilmente será alcançado o objetivo último de sua atividade profissional, o aprendizado de seus alunos. Então qual didática será mais útil ao professor de hoje? Como foi dito anteriormente, quem subentende essa necessidade é a própria educação. Sobre isso, Libâneo (2002, p. 06) afirma que:

Uma boa didática, na perspectiva da mediação, é aquela que promove e amplia o desenvolvimento das capacidades intelectuais dos alunos por meio dos conteúdos. Conforme a teoria histórico-cultural, formulada inicialmente pelo psicólogo e pedagogo russo Lev Vigotsky, o objetivo do ensino é o desenvolvimento das capacidades mentais e da subjetividade dos alunos através da assimilação consciente e ativa dos conteúdos, em cujo processo se leva em conta os motivos dos alunos.

O autor afirma no trecho que a boa didática associada a mediação precisa gerar o desenvolvimento das capacidades intelectuais do aluno, e nesse sentido, os conteúdos são o meio que o professor deve utilizar para se alcançar esse objetivo, mas deve ser entendido pelo docente que esse é um processo feito em conjunto, pois o educador deve levar em consideração os motivos educacionais de cada aluno. Mas fazendo menção ao título do capítulo, o que seria antes de tudo, um professor crítico?

Para Freire (1996) o professor precisa compreender que não há docente sem discente, ou seja, sua importância não se resume ao repasse de conhecimento, mas na tarefa de mediação, pois o aprendizado satisfatório acontece na prática da relação entre professor e aluno, desse modo, o professor só estabelece elementos que guiam a reflexão do aluno até o conhecimento do assunto em si, provando, assim, que o aluno também deve possuir autonomia no seu aprendizado em sala de aula.

Como dito antes, a educação é quem dita suas necessidades educacionais. A educação por si mesma também se traduz na instituição da escola,

logo, para entender a atuação crítica do professor no âmbito educacional, temos que entender também as variações na perspectiva da escola dentro desse processo. Freire (1996) lança mão, quanto a prática do professor, da tendência educativo-crítica ou progressista. Mas que contexto escolar emerge dessa prática pedagógica? Concernente a prática pedagógica estudada por Freire, explica Luckesi (2012, p.07):

O termo "progressista", emprestado de Snyders, é usado aqui para designar as tendências que, partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sociopolíticas da educação. Evidentemente a pedagogia progressista não tem como institucionalizar-se numa sociedade capitalista; daí ser ela um instrumento de luta dos professores ao lado de outras práticas sociais

Luckesi (2012) complementa que a linha pedagógica “progressista” nesse contexto, se manifesta em mais três aspectos: a libertadora, libertária e crítico-social dos conteúdos. Das três tendências, nos interessa a crítico-social dos conteúdos. Quanto a esta última, diz Luckesi (2012, p. 07):

A tendência da pedagogia crítico-social dos conteúdos propõe uma síntese superadora das pedagogias tradicional e renovada, valorizando a ação pedagógica enquanto inserida na prática social concreta. Entende a escola como mediação entre o individual e o social, exercendo aí a articulação entre a transmissão dos conteúdos e a assimilação ativa por parte de um aluno concreto (inserido num contexto de relações sociais); dessa articulação resulta o saber criticamente reelaborado.

Portanto, segundo David (2015) o modelo de escola que emerge dessa tendência tende a sinalizar para além dos modelos tradicional e renovada, pois para ela a ação do professor só será possível quando associada a prática social. Para o autor, essa tendência ocasionará no saber crítico. A relação entre a trans-

missão e a assimilação também é importante, pois a assimilação ativa só é possível quando o conteúdo é compreendido através do esforço do próprio aluno. O decorar o conteúdo, por exemplo, não tem os mesmos resultados, pois somente o conhecimento devidamente assimilado torna o discente capaz de também expressá-lo ao seu modo. Como diz Freire (1996, p. 12-13):

Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistia validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz.

Portanto, o educador deve refletir-se quanto a sua atuação pedagógica, pois será que a tendência de ensino atual não tem formado alunos que só são capazes de reproduzir o conteúdo? E isto na melhor das hipóteses. Quanto aos conteúdos, o uso de exercícios é utilizado como meio de fixação destes, no entanto, esse método relativizando aos discentes com déficits de aprendizado só aumentará os prejuízos em suas vivências escolares, se, por conseguinte, o modo de avaliação também não seguir em conjunto com a lógica do tal. Para isso, necessita haver uma relação íntima entre exercício e avaliação, contudo, tendo em vista o desenvolvimento de competências cognitivas plenas ao educando. Sobre isso diz Lemes *et al* (2015, p. 142-143):

Aprender, nesse contexto, tem o sentido de interagir com o objeto a conhecer e, a partir daí, construir/reconstruir em si e para si este objeto. Assim, o sujeito agindo e interagindo com objeto do seu aprendizado estará desenvolvendo suas próprias estruturas e procedimentos, por meio dos quais poderá desenvolver suas competências e habilidades frente aos diferentes conteúdos a serem aprendidos/apreendidos. O processo de escolarização para estar adequado a essa concepção de aprendizagem deverá traduzir a fase de desenvolvimento

cognitivo do sujeito para tratar os conteúdos acadêmicos, sociais, afetivos, artísticos, culturais e motores. Observa-se que, através das ações e operações desenvolvidas pelo sujeito que aprende, as habilidades se aperfeiçoam e se articulam, traduzindo e possibilitando ao sujeito novas reorganizações das competências de forma crescente e evolutiva.

A perspectiva de aprendizado de Lemes concorda com a tendência crítica dos conteúdos de Freire e Luckesi, que só se tornam possíveis quanto a prática, se houver uma adequação do docente a esse estilo de prática crítico-pedagógica. Se pode afirmar que esta tendência de escola crítica é apta as novas condições educacionais que estão surgindo ao longo do processo de ressignificação escolar e da docência, e em muito se assemelha a pedagogia histórico-cultural de Vigotsky, que da qual se pode exemplificar o acompanhamento pedagógico em conjunto com o aluno, incentivo a reflexão, autonomia no aprendizado, e a construção do conhecimento através do desenvolvimento de habilidades cognitivas e inteligências múltiplas.

Além de reconhecer a importância do aluno para o processo de construção do conhecimento, se espera que o educador crítico tenha rigorosidade metódica. Que segundo Freire (1996, p. 14) é:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua submissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se "aproximar" dos abjetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso "bancário" meramente transferido do perfil do abjeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no "tratamento" do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível e pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência

da produção de certos saberes e que estes não podem a eles, os educandos, ser simplesmente transferidos.

Desse modo, o professor deve ter no mínimo iniciado o processo de crescimento crítico em seu papel formador, para que assim possa também exercer a mediação, haja vista o professor conhecer o caminho e as ações necessárias aos educandos durante o percurso de formação crítico-social. Afirma professora X:

Diz Alves (1994) que o saber crítico do professor não se adquire através de bons mestres e nem através de diplomas. O autor classifica o processo, principalmente em relação aos educandos também, como o mestre que ensina o desconhecido, mas como ensinar o que não se sabe? Isto remete-se para uma relação processual entre professor e aluno, sobre a qual diz Freire (1996) que o professor deve se conscientizar de que não há docência sem deiscência, sendo a relação ensino-aprendizagem a primeira das condições para se construir um saber crítico. Reconhece-se que ao longo desse processo o aluno se identifica quanto aos seus motivos com o conteúdo ensinado, tendo em vista a formação da autonomia do aluno em seu aprendizado.

Na questão da formação continuada do educador, a pesquisa também é indispensável, está atrelada a auto avaliação, torna-se necessária ao conhecimento de novos métodos pelo professor, desse modo, o permitindo a se resignificar enquanto docente. Freire (1996, p. 16) afirma que:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo, educo e me educo. Pesquiso para conhecer e o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

Essa pesquisa é importante para o melhoramento da prática educativa, e é feita segundo a autonomia do educador, por ser bem particular, tendo

em vista que nem todos os professores encontram-se no mesmo nível didático. A construção do conhecimento deve ser considerada pela escola e pelo professor um dos valores mais importantes do cenário educacional hoje, e para isso outro exercício é recomendado, o educador deve respeitar os saberes do educando.

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (FREIRE, 1996, p.16)

Esse respeito tratado por Freire, novamente faz menção a relação professor-aluno no contexto da sala de aula, daí todo o processo de aprendizado, um não existe sem o outro. Consequentemente, os saberes que o discente traz da vida social é o que o verdadeiro educador deve reaproveitar para o processo de desenvolvimento do aluno. Outro dos valores necessários a prática crítica do professor é a própria criticidade, mas como formar professores críticos em tempos tão difíceis, em que o pensar é restringido, sendo valorizada a reprodução conteudista e capitalista?

Para Freire (1996) o processo não se dar na exclusão do saber ingênuo, mas na superação deste, o que novamente remete ao reconhecimento humano pela educação, pois o próprio homem, como ser histórico, reconhece sua necessidade de educar-se, e assim o professor precisa reconhecer sua necessidade de ser crítico, desse modo, questionando o pensar do senso comum, para que esse saber comum torne-se então criticizado.

A natureza do problema está no sistema educacional, pois não temos o sistema que possibilite professores e alunos críticos, e até autocríticos. Como afirma Cury (2008) que o sistema educacional possibilita aos educandos o mercado de trabalho e não os preparam para enfrentar a vida social, e assim, acaba por não preparar para nenhum dos espaços, tendo em vista que um profissional

despreparado para as relações e intempéries não fará um bom exercício de sua atividade profissional. Segundo Cury (2008, p. 26), “o sistema educacional estressa tanto os mestres quanto os alunos por causa de sua retórica na transmissão de informações e não nos códigos da capacidade de intuir, criar, filtrar estímulos estressantes, gerenciar pensamentos”.

Nesse contexto, se deve primeiramente reformar o sistema educacional para que sirva como base e terreno propício ao trabalho do professor, cuja criticidade deseja influenciar aos seus educandos, desse modo, possibilitando a superação da miséria intelectual e social de nossas sociedades, pois somente a educação tem esse poder transformador.

4.1 A sala de aula ou aula na sala: como construir reflexões crítico-pedagógicas?

Através desse tema, propõe-se aqui discutir algumas questões sobre o espaço da sala de aula, mesmo aparentemente, o tema causa um “nó” no entendimento, mas à primeira vista, tenta esboçar qual realmente vem a ser a importância da sala de aula para o processo de construção do conhecimento através da relação aluno-aluno, professor-aluno e Eu-aluno. O que se prova pela primeira parte do tema: a sala de aula ou aula na sala, é que possui valor de ordem, até ordem numérica, assim como a famosa pergunta o que veio primeiro, o ovo ou a galinha? Mas para nós, o que seria o ovo, o ser formador, que, assim, deu vida a galinha, ou será o fruto que dará sequência ao processo de reprodução dos novos seres vivos que o sucederão?

Portanto, qual a importância da sala na aula e da aula na sala, e isto, para a formação de uma reflexão crítico-pedagógica do profissional e da educação em si? E o que vem primeiro no processo do aprendizado a sala ou aula, ou seja, as relações sociais que a sala produz, ou a ação pedagógica representada pela aula? Todavia, todas são importantes.

A sala de aula só passa a existir quando a educação se materializa na instituição escolar propriamente dita, e isto a partir do século XVII, mudando totalmente o quadro educacional que se tinha na Idade Média, onde as famílias

mais abastadas pagavam um tutor para, desse modo, instruir seus filhos, e com o advento do Iluminismo, o papel da educação e do professor são melhor definidos, democratizando, assim, a escola. No entanto, o capitalismo é que definiu a atuação da escola e do professor, e a formação sempre ligada a uma ideologia, e mesmo a democratização está sim ligada a uma separação social de classes, o que ainda deixa o alvo educacional obscurecido. Sobre a formação dos professores hoje, afirma Coimbra (1989, p. 01):

Ao longo de vários anos como professora e psicóloga pude notar que nós, trabalhadores em educação, temos nossa formação acadêmica marcada por vícios e lacunas que têm claramente um objetivo político-ideológico. Somos os profissionais, muitas vezes, do superficial: enfatizamos a relação professor/aluno, a melhoria dos currículos, a modernização das técnicas e métodos de ensino, desvinculando-os de todo um contexto histórico, social, político e econômico. Fomos ensinados a pensar as instituições como abstrações, como "coisas-em-si", como se as relações de poder existentes em nossa formação social ali não estivessem presentes.

Percebamos, mesmo que a obra “As funções da instituição escolar: análise e Reflexões” de Coimbra tenha sido publicada em 1989 mostra em muito revelar o que vivenciamos na prática hoje, fator que comprova que apesar de já ter passado mais de um Século os parâmetros envolvendo a prática do professor não mudou, portanto, conclui-se que o papel escolar não se ressignificou, apenas se adaptou a uma nova gestão a favor da reprodução alienada do capitalismo, que tem por objetivo formar mão de obra para alimentar o mercado global, e conseqüentemente, isso faz a importância educacional se distanciar de seu real significado. Como afirma Schlesener (2016, p. 07):

Apenas um número reduzido de escolas públicas mostra a capacidade de formar jovens em condições de seguirem adiante nos estudos científicos, tecnológicos, culturais. Esse grupo de escolas “exce-lentes” forma -- junto com um número significativo de escolas privadas, confessionais ou não -- o pequeno celeiro a partir do qual emergirão os

intelectuais orgânicos da ordem burguesa a serem treinados na Universidade. São engenheiros, arquitetos, economistas, sociólogos, psicólogos, médicos, juristas, jornalistas, professores, etc., todos especializados na reprodução social da ordem, a maior parte, assalariados ou profissionais “autônomos”.

Contextualmente, a solução ao problema deve se concentrar no papel primeiro da escola, que era educar e formar cidadãos críticos, assim, capazes de exercer ação formadora e construtora, e não reprodutora. As interações sociais presentes em sala de aula possuem, portanto, um sentido de agregação, de uma educação cooperativa e construtivista.

Comparando essas finalidades ao que ver-se nos atuais parâmetros da educação parecem até mesmo convergir em um sistema educacional pleno, no entanto difere na realidade vista nas escolas de hoje. Atualmente, os objetivos do ensino estão caindo em desuso, e isto graças ao parâmetros objetivos ao mercado de trabalho, desse modo, não se pretende aqui ser pessimista e afirmar que a educação está perdida em seus valores, entretanto, é necessária uma reavaliação dos acontecimentos históricos que levaram o sistema educacional a ocupar o lugar que tem hoje, para assim, abrir caminho através de teorias já elaboradas de modo a despertar o papel educador da escola e do professor do profundo sono que lhe causou o capitalismo exacerbado.

Para se construir reflexões crítico-pedagógicas em torno do espaço da sala de aula é necessário se colocar em xeque a análise do atual significado que essa possui para a educação. A sala de aula é vista como espaço de interação social, e nele estão alunos de diferentes espaços, e que assim precisam ser cooperativos em busca do saber crítico-social, entretanto são treinados a reproduzirem atitudes e até padrões de comportamento, que por sua vez, são claramente instituídos socialmente.

Para a construção de tais reflexões, o educador deve ser criticista, e trabalhar métodos que incentivem a construção e não a reprodução, e assim desfazendo as atitudes de violência simbólica, que para Bourdieu e Passeron (1992), também são representativas na ação pedagógica (AP), e essa AP de certa maneira tende a reproduzir o arbitrário cultural das classes dominantes ou

das classes dominadas. A violência simbólica se baseia também na força de coerção e reprodução sistemática tratadas por Bourdieu, no entanto, essa força coercitiva que é alimentada pela luta de classes tende a ser superada pela psicopedagogia de Freire e Vigotsky, como foi referenciado anteriormente, e isto, através da cooperação em sala de aula, que provem das relações sociais presente na instituição escolar.

Baseado nas teorias estudadas, existem três tipos de relações importantes a construção do conhecimento em sala de aula, a relação professor-aluno, aluno-aluno e Eu-aluno. A relação professor-aluno significa a função mediática do professor associada ao aproveitamento dos saberes dos educandos. Como Freire (1996) coloca como necessária a ação educativa do professor crítico o respeito aos saberes trazidos pelo aluno da vivência social, desse modo, sendo reutilizados como instrumento relevante na construção de saberes reflexivos.

A sala de aula é um espaço de interações sociais, e estas objetivam contribuir para o aprendizado e formação de alunos críticos. Entretanto, ao se pensar em relações sociais, se deve levar em conta a historicidade dessas relações. Com a globalização se estabeleceu vários tipos de relações, relações políticas, ideológicas, de classes, e as relações culturais, nos interessando esta última. A cultura em si é um importante meio para a formação social do ser humano, dentro dela se insere, a política, religião, língua, família, e a educação. As relações interculturais se dão no campo econômico, no religioso, e no campo educacional. A escola é uma instituição que trabalha com a cultura, e é na sala de aula que a cultura se põe em pauta.

Conforme afirma Bourdieu (1992) a escola se transformou em uma instituição que apenas reproduz e não cria. Para tanto, vale a retrospectiva da finalidade da escola dito por Libâneo (2002), dentre as quais se pode supor a finalidade instrutiva, finalidade socializadora, finalidade personalizadora, finalidade produtiva, finalidade igualizadora. De todas essas, principalmente a finalidade socializadora, tem por objetivo a reprodução da cultura e de padrões comportamentais, inibindo, desse modo, a construção de novas perspectivas educacionais.

Dentro desse contexto, as relações sociais na sala de aula se tornam instrumentos cabíveis a mudança desses paradigmas, e isto, primariamente,

através da relação professor-aluno, ou melhor, relação ensino-aprendizagem, em que o profissional da educação exerça seu papel formador através da mediação, do estabelecimento de pontes cognitivas ao aluno, tendo em vista o desenvolvimento das potencialidades do aluno enquanto ser social, pois:

(...) Todo Homem se constitui como ser humano pelas relações que estabelece com os outros. Desde o nosso nascimento somos socialmente dependentes dos outros e entramos em um processo histórico que, de um lado, nos oferece os dados sobre o mundo e visões sobre ele e, de outro lado, permite a construção de uma visão pessoal sobre este mesmo mundo. (MARTINS, 1999, p. 113)

Nessa ótica, desejo abordar a relação aluno-aluno, pois como se ver, as conquistas são alcançadas grupalmente. Acredita-se, portanto, essa ser mais uma das causas de a educação ser exercida em sala, porém, vale destacar que essa concepção de sala de aula interativa é moderna, pois que antes o espaço de aula era unicamente aproveitado pelo docente, e a autonomia do estudante não existia como nos dias de hoje.

Essa relação é a fase secundária tendo em vista o aprendizado satisfatório, pois ressalva um ato cooperativo entre os estudantes, contudo, não deve ser aplicado de forma indiferente a relação professor-aluno. O professor deve além de respeitar os saberes dos educandos como em Freire (1996), este deve continuar seu papel mediador estabelecendo relações de cooperação entre os estudantes, tendo em vista que lhes sirva para o exercício de vivência de grupo, e em sala se crie um ambiente de compartilhamento de ideias e aprendizados, tendo em vista que os alunos com maiores facilidades ajudem os mais atrasados no conteúdo e assim todos possam aprender.

O professor crítico, segundo Libâneo (2002), está sempre buscando novos meios para facilitar o aprendizado de seus alunos, e nesse aspecto, a educação impõe certas atitudes dos professores, como em uma era extremamente informacional e tecnológica em que até as crianças mais novas detém conhecimentos no que diz respeito ao uso de tablets e smartphones, assim, a educação precisa também se informatizar, levando as mídias a serem inseridas

em sala de aula, de modo a abrir mais possibilidades de ensino e inovação educacional. No entanto, essa atitude deve ser tomada com cuidado, pois:

É inquestionável o fato de que vem aumentando dia a dia a presença dos meios de comunicação e a participação dos computadores na aprendizagem. Assim como surgem facilidades de acessar, selecionar e processar informações. Entre os meios de comunicação, a TV se destaca como prática educativa, intervindo na construção da nossa subjetividade. Ela constrói uma imagem do mundo e produz significados para o real, ela oculta processos de produção de sentido, de modo que a atenção do telespectador mantém-se no que é mostrado e não no modo como é apresentado. (LIBÂNEO, 2002, pág. 46)

Desse modo, afirma mais Libâneo (2002), a alfabetização dessa inclusa na formação dos educadores, para que possam exercer de forma correta e satisfatória o aproveitamento das mídias no processo de ensino-aprendizagem.

As duas primeiras relações que aqui foram explanadas são indispensáveis à formação de alunos construtores de saberes devidamente estruturados e prontos a serem aplicados em suas vivências sociais, mas gostaria de agregar outra relação importante ao mesmo processo de ensino-aprendizagem, a relação Eu-aluno. Essa relação se dar em direção do Eu autônomo, supondo, assim, que o próprio indivíduo também possui autonomia crítica sobre seu próprio aprendizado, pois tem esforços que nem o professor e nem os colegas de sala podem exercer, mas somente o próprio indivíduo. Vamos entender melhor:

(...) o aluno é sujeito do seu próprio conhecimento. O papel ativo do sujeito na aprendizagem, a consideração das noções que os alunos já trazem, a colocação de situações-problema, o provimento de oportunidades para os alunos fazerem suas próprias tentativas, de cometerem erros, de experimentarem, são características da didática construtivista que já estão bastante difundidas. (LIBÂNEO, 2002, Pág.44)

Essa visão de educação visa que o aluno também experimente ser o sujeito principal de seu aprendizado, contudo, sempre debaixo da mediação do educador, que por sua vez estabelece pontes cognitivas entre o pensamento do discente e o objeto de estudo. Freire (1996) vai classificar isso como o educador que considera os motivos dos alunos, ou seja, respeitar o desejo do aluno em aprender certo conteúdo.

Costumeiramente, a falta de aprendizado em sala é causada pela falta de interesse dos alunos, no entanto, a culpa não é só deles, pois, as vezes o assunto em nada lhes atrai e o professor não o sabe fazer. Como se diz em Alves (1994), a função do educador se baseia em transformar a sala de aula em espaço onde se ensina os alunos a terem espantos, assim, assumindo que um dos fatores que muito contribui ao aprendizado é a dúvida e a curiosidade, haja vista abrirem a porta da memória criativa do aluno. Portanto, que os educadores possam dentro das atuais necessidades educacionais usarem com propriedade o espaço da sala de aula de acordo com seu real propósito, tendo em vista, sempre, a formulação de novas concepções crítico-pedagógicas, assim sendo, a construção de uma educação superadora.

4.2. Educar para transformar ou transformar para educar? Qualidades ou ethos do profissional comprometido com a criticidade?

Propõe-se aqui discorrer a ação transformadora da educação, além de seu papel relacionado ao professor enquanto crítico. Nesse contexto, o professor tem sobre si uma responsabilidade que não se ver em nenhuma outra profissão, a de educar para a sobrevivência e para vida, tarefa essa que demanda uma reflexão crítica do profissional sobre sua atuação, motivo pelo qual surgem muitos paradigmas ao entorno do tema. A tarefa social do professor é muitas vezes tratada de forma que o tal possui por obrigação a responsabilidade de educar a sociedade, no entanto, essas discussões se concentram apenas em uma visão didática, deixando um pouco de lado a análise histórico-social e humana dessa mesma profissão. Sobre o papel do educador afirma professora X: na educação a gente tem a responsabilidade social, você trabalha muito o social, a questão está em eles saberem trabalhar em equipe, respeito com o próximo, a limitação

do próximo, com o espaço do próximo. Eu acho que esse trabalhar o social, o desenvolvimento social do aluno, o ajuda quando ele chega no mercado.

Muito se discute em trabalhos, dentro da questão educacional, o papel transformador da educação e a tarefa do professor, mas como se define o ethos ou qualidades do educador? São essas as questões mais importantes à educação e à escola, haja vista a ação que se propõe para essa formação continuada do professor não poder ser exercida distante da realidade da escola e dos alunos, que são os agentes também considerados principais dentro da questão.

O processo de mudança social se dar em vários sentidos, no entanto, todos esses sentidos passam pela educação. Digamos que a educação é a artéria pela qual passa esses processos que regem a nossa sociedade, como a política, economia, as relações sociais. Não se pode negar, por exemplo, que ao ler os atuais parâmetros educacionais são percebidos que, além dos parâmetros relativos ao ensino, formação e políticas educacionais, existem outros que desempenham um objetivo mais voltados a formar uma mão-de-obra para o mercado de trabalho.

Como o presente na LDB (2010) no artigo 1º, § 2º, afirmando que a educação escolar deve estar atrelada ao mundo do trabalho e a vivência social. A respeito disso, é interessante questionar porque bem antes de se começar a estabelecer os parâmetros educacionais logo se defina que a educação exercida pela escola se aparelhar ao mercado e a vivência social. Diante disto, o educador crítico precisa oferecer base educativa suficiente aos estudantes, de modo a capacitá-los para se tornarem formadores e não meros reprodutores de conhecimentos prontos, caminhos que já foram caminhados por outros, os alunos precisam fazer seus próprios caminhos.

É de se concordar com a necessidade de se formar especialistas em determinadas áreas e para desempenharem funções socialmente requeridas, porém, os reais propósitos da educação histórico-construtiva são simplesmente o desenvolvimento de potencialidades cognitivas, que de qualquer modo torna os discentes capazes para desenvolver qualquer atividade dentro de suas formações.

Sobre a importância do saber educativo, este possui uma finalidade de completude do ser humano. Como afirma Freire (1981) ser a educação uma resposta do finito ao infinito, ou seja, coloca o homem como ser inacabado, reconhecendo, assim, seu inacabamento, e só vindo a alcançar a perfeição ao ser devidamente educado. No tocante ao desenvolvimento do aluno e de suas potencialidades, a didática deve concentrar seus esforços para esse fim. A educação deve ser transformadora, no entanto, o que deve vir em primeiro lugar, se deve educar e transformar ou transformar para educar? Que mudanças precisam ocorrer para que isto se intensifique?

Para Freire (1981) não se pode pensar a educação sem antes se fazer uma avaliação do próprio homem, pois segundo ele o fator constitutivo do sucesso educacional está na condição ontológica do ser. Então, algo que intensifique a mudança educacional na sociedade primeiro deve perpassar o transformar para educar, e conseqüentemente, após isso, devem ser refletidas a base de ensino que se tem até o momento, em outras palavras, uma reavaliação do sistema de ensino-aprendizagem. Para tanto, é necessário se refletir as bases da educação nacional, de modo a adequar o sistema educacional as verdadeiras necessidades que se tem.

Como foi suposto, a chave para o sustento de um sistema educacional mais rentável relativo ao ensino e aprendizagem se encontra na ontologia do ser, ou seja, na necessidade ontológica de ser educado. Como explica Freire (1981) que essa necessidade é determinada pelo inacabamento ou inconclusão do home:

O cão e árvore também são inacabados, mas o homem se sabe inacabado e por isso se educa. Não haveria educação se o homem fosse um ser acabado. O homem pergunta-se: quem sou? de onde venho? onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer essa autorreflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação. (FREIRE, 1981, p.14)

Em outras palavras, a chave se encontra na capacidade de refletir até que ponto o educar brasileiro realmente satisfaz a necessidade de conclusão. Essa incompletude reflete então a ausência de reflexão, criticidade, capacidade de intuição e raciocínio lógico no corpo discente nas escolas, fator que nos diferencia dos outros seres vivos, que dar maior capacidade de resistência e assim, sobrevivência.

Quando se fala de uma reelaboração do sistema de ensino a figura do professor é indispensável, como o afirma Edgar Morin (2017) em entrevista ao Jornal o Globo ao ser questionado sobre qual seria o sistema de ensino ideal, este afirma que é um desafio para a educação fazer essa reelaboração, haja vista o professor ser cada vez mais colocada a necessidade de seu trabalho em risco, já que em uma era de informação, o professor pode até aplicar tarefas e os alunos certamente a buscarão na internet, assim, movido pela dúvida, pois reconhecem, como diria Freire (1981) suas incompletudes e inconclusões.

Para Morin (2017), o professor, nesse aspecto, deve ser o orientador das atitudes dos alunos, e juiz das possíveis descobertas advindas da rede, de modo a elucidar as dúvidas frequentes dos alunos. Professora X expõe que o melhor modelo de escola é o que prioriza a aprendizagem e não só a experiência extra-escolar com o mercado de trabalho.

Relativo aos alunos, estes têm sobre si um fator predominante sobre o ensino transformador. Segundo Alves (1994), esse fator é a intuição curiosa, diante disto, isto se baseia simplesmente em o professor despertar em seus alunos a curiosidade, de modo a abrir caminho para o senso crítico de seus alunos, sua autonomia de ser, sua racionalidade, tendo em vista que o aluno exerça suas peculiaridades no aprendizado, que, nessa ótica, o docente deve, portanto, exercer o papel mediador na aula. Pois como diz Freire (1981) ser o próprio homem que deve, assim, exercer responsabilidade sobre seu próprio aprendizado.

A definição do ethos do profissional é gritante nesse caso, haja vista o que está em jogo ser o futuro da educação do porvir. Quanto a isso, há muitas críticas sobre o capitalismo, enalços que o colocam como principal responsável pela crise existencial do ensino inovador e crítico, e pelo estabelecimento de uma didática para o capital, apassivando, desse modo, os objetivos reais pelo qual se surgiu a escola e o professor.

Sem dúvidas, isto mudou a perspectiva da função docente, o que precisa ser colocado à análise mais profunda. Se percebe que o intelectual mudou seu sentido transformador para ser produzido a um fim econômico, que passou a se chamar produção intelectual. Mas qual a diferença? A diferença se concentra na visão de que passou a ser estabelecido um fator econômico em cima da produção intelectual de pesquisadores e demais profissionais ligados ao mundo científico, e assim, o incentivo em ser reflexivo, crítico, pensador, a partir daí, seria fator de lucro, e não simplesmente para preencher lacunas no conhecimento.

Após, como expõe Marx e Engels (1998) os proletários passam a ser educados, mas ao contrário do que se pensa, não era uma educação pautada no desenvolvimento de suas potencialidades intelectuais, mas uma educação política, que os capacite a lutar contra ela mesmo, no entanto, se ver hoje que isto se transformou em uma massificação da produção do conhecimento, de modo a formar uma mão de obra semelhante à dos tempos do proletário. Diante disso, são necessárias algumas atitudes à constituição do ethos do professor, e a primeira é a compreensão do próprio ser humano, portanto, o ethos do professor aqui será analisado como o conjunto de atitudes humanas e docentes tomadas por ele, sim, não se excluirá aqui o lado emocional, haja vista a importância desse para o desempenho atividade docente.

Freire (1981) afirma que o professor jamais deve se colocar como superior aos alunos, ou seja, como detentor de conhecimento que ensina seres ignorantes, pelo contrário, deve ser humilde e assumir o papel de comunicador relativos a alunos que possuem em si saberes prévios.

Essa noção remete a um sistema de ensino cooperativo, em que a autonomia do discente em aprender se aproximar do objeto de estudo e o docente a respeita, bem como também a escola, ou seja, é considerada relevante ao ensino, essa atitude, se tomada pelo docente, pela escola, tende a aproximar cada vez mais o desenvolvimento humano quanto ao educacional do esperado, o desenvolvimento de múltiplas inteligências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do percurso traçado em torno da escola e do professor, entende-se que a escola só existe por uma necessidade ontológica do próprio ser humano, a necessidade de se educar, de conhecer. Nesse contexto, essa necessidade demanda um professor multi integracional, que vem a ser um professor com status de mediador, que criar pontes entre o conteúdo e o aprendiz. Isto está de acordo com o pensamento de vários teóricos educacionais (FREIRE, LIBÂNEO, VIGOTSKY, ALVES, MORIN) os quais sinalizam para uma reformulação do sistema educacional, mudando o aspecto da avaliação disciplinar do currículo para uma avaliação da capacidade de pensar, de estabelecer ideias construtivas, de intuir, formando assim, alunos que respeitem o professor como intermediador entre eles e o conhecimento, reconhecendo o ambiente da sala de aula como reflexo da vida social, onde não só se reproduz a vida externa à escola, mas que aponta para uma influência reversa, ou seja, a escola influenciando a sociedade.

Sobre a escola, criticidade e o papel do professor, pode-se afirmar que primeiramente a escola se constitui aquela que reproduz a luta de classes, o sistema capitalista, isso se prova pela mecanização do ensino, pois cada vez mais a educação valoriza o profissional e menos a reflexão e construção de conhecimento, o objetivo que se ver é a formação de alunos que dominem o conteúdo e não que sejam agentes da mudança na sociedade. Ao se deparar com esse problema, em pesquisa, buscou-se entender a visão dos professores de uma dada escola sobre o fato.

Ao abordar o papel crítico do professor refletido sobre o aprendizado dos discentes se percebeu que o discurso mudou bastantes nos últimos anos, já se fala em autonomia do estudante no aprendizado, ou seja, a relação professor-aluno, o que não era percebido nos anos mais passados, pois o professor era visto como o único detentor do conhecimento, assim, portanto, unicamente ele estava no centro do processo ensino-aprendizagem.

Ao tomar consciência do inacabamento e que a completude só acontece pela cooperação das partes, ele se reflete a si mesmo, se situa didaticamente, ou seja, se avalia quanto a sua capacidade formadora e busca meios para sua capacitação docente, de modo a contribuir com o suprimento das necessidades cognoscíveis dos estudantes. Em entrevista se percebeu que mesmo com um

discurso que concorda com a lógica construtivista da educação, muitos educadores estão em decadência em sua atuação pedagógica, ou seja, têm a necessidade de uma melhor preparação, de modo, a ter como objetivo a formação de alunos multiplamente inteligíveis, pensantes, intuitivos e criticistas.

Diante do estudo feito, concluiu-se que a educação hoje precisa de uma pedagogia que se proponha a estabelecer um saber que perpassa toda a vivência social, no objetivo de criar uma íntima relação entre escola e sociedade, haja vista a educação ser impossível de se estabelecer separada da vida social. Isto pode ser feito no espaço da sala de aula, ao ser aplicada os conhecimentos adquiridos pelos alunos bem antes de se chegar a escola, desse modo, promovendo um desenvolvimento a partir da incompletude e da chamada ingenuidade do senso comum, que, por sua vez, também é relevante ao ensino e ao professor. Que se baseia, assim, em um diálogo entre as antigas e novas formas de se educar.

Antigamente, as formas de educar giravam apenas em torno do professor, a forma tradicional de ensino não dava oportunidade de o aluno exercer sua autonomia, enquanto a forma da escola nova centra sua visão no desenvolvimento do aluno, de sua formação, e o professor exerce apenas a ligação cognitiva entre o aluno e o conteúdo. Com avanço das Tics, a educação precisa se aliar, fazendo com que os discentes exerçam a autonomia de modo transformar a informação em conhecimento.

Conclui-se que isto só será conseguido com a reformulação do sistema de ensino atual, tirando o foco da decoração do conteúdo programático para a construção do conhecimento, fator que diferencia a escola tradicional da escola nova. Com o advento de um sistema educacional mais cooperativo e construtivista, será preciso também investir na formação didática do professor, desenvolvendo sua didática do sentido tradicional ao novo. Somente com isso a educação terá um salto mais significativo referindo-se ao ensino-aprendizagem.

Foi percebido também que a interação entre a escola e a universidade é de suma importância para o desenvolvimento de uma sociedade, pois isto cria um ambiente propício de interação entre os professores formados e formandos, de modo a contribuir para a superação dos problemas existentes na forma de se dar aula, na verdade, a nova perspectiva diria se promover a aula. A escola Ca-

milo brasileiro está passando por um desafio, e este se concentra na mudança de forma tradicional para a o perfil da escola nova, e é interessante perceber que isto teve início, por conseguinte à relação escola-universidade.

Apesar de muitos professores formados e atuantes da profissão não terem muito tempo para a formação continuada, até por conta da correria escolar, no entanto, o fato da interação escola-universidade faz com que a escola reflita a sua atuação social, bem como os seus professores. A escola precisa, portanto, investir na formação dos seus professores, de modo a tornarem-se educadores. Sim, há diferença entre ensinar e educar, pois para ensinar só é preciso saber, mas para educar é preciso criticar o que se sabe, relacionar, intuir, reformular e construir novos saberes sobre o terreno do desconhecido. Conclui-se, pois, que essa necessidade precisa se perpetuar a todo o espaço da escola, da sala de aula.

Sobre esta última, é necessário lembrar que antes a educação não tinha espaço próprio para acontecer, atualmente, se possui a sala de aula, e esta não existe à toa, mas para a educação ser exercida de forma cooperativa, e isto serviu anteriormente para a reprodução da ideologia das classes dominantes, mas atualmente, o professor crítico deve ser atuante sobre esse discurso, de modo a estabelecer outro significado e importância para a escola. Ao propor a formação de professores críticos, surge então a precisão de se trabalhar apuradamente o potencial transformador da educação.

Mas para tanto, se deve educar para transformar ou transformar para educar? Chegou-se à conclusão de que seria mais propício se transformar para educar, pois primeiro se deve alimentar as carências educacionais, suprir a falta de cooperação, de preparação do docente, para então assim se transformar, e após o cumprimento desse processo, se acredita que a mudança é inevitável, pois tudo está em constante transformação.

Nesse momento, se deve atentar para a ressignificação do professor, da constituição das características que ele deve ter, mas, deve se considerar que não há um perfil de educador em seus 100 por cento, mas o sistema educacional deve estar em constante busca desse perfil, para que assim o futuro possa ser melhor, pois como diria Freire (1979) nada escapa aos limites educacionais e ela por si mesma perpassa toda a vivência social. Se atente, portanto, a refletir sobre

a criticidade do educador, ela não possui sua base somente no aponte dos défits, mas na construção de meios e caminhos para a resolução.

Para isso, existem um conjunto de fatores que precisam ser considerados, avaliados, sugeridos. Mas todos se baseiam na lógica da formação de uma nova escola, de um novo perfil de professor, que juntos valorizem o desenvolver de alunos críticos, que reflitam suas realidades, e se autopromovam, tenham condições de ser atuantes socialmente, politicamente e economicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. **Academia Virtual de História: Antônio Diogo, Distrito de Redenção, Ceará. (blog) Disponível em < <http://arturricardo-historiador.blogspot.com.br/2015/04/antonio-diogo-distrito-de-redencao-ceara.html> >**
Acesso em: 18 Out. 2017.
2. **ALVES, Rubens. A alegria de ensinar. 3º ed. Ars poética editora. 1994.**
3. **BONVINI, Emilio. Tradição Oral Afro-Brasileira: A razões de uma vitalidade. São Paulo, 2001.**
4. **BOURDIEU, Pierre, PASSERON, Jean, Claude. A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 3ª ed. 1992.**
5. **CURY, Augusto Jorge. O código da inteligência: a formação de mentes brilhantes e a busca pela excelência emocional e profissional/Augusto Cury. - Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil/Ediouro, 2008.**
6. **COIMBRA, Cecília Maria B. As funções da instituição escolar: análise e reflexões. Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, vol.9 no.3 1989. Disponível em: < www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000300006> Acesso em: 19 Out. 2017.**
7. **LDB, Brasil. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 5. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação. Edições Câmara, 2010.**
8. **LUCKESI, Cipriano. Tendências pedagógicas na prática escolar. 2012.**
9. **COIMBRA, Cecília Maria B. As funções da instituição escolar: análise e reflexões-SciELO. Disponível em :http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931989000300006. Acesso em: 19 de out. 2017.**
10. **DE BARROS, Jussara. A escola mudou – Brasil Escola. Disponível em: <http://educador.brasilescola.uol.com.br/orientacoes/a-escola-mudou.htm>. Acesso em: 07 de nov. 2017.**
11. **DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. 2003.**
12. **DONATO, Veruska. Faltam professores de matérias específicas nas salas de aulas do país. Disponível em < <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/03/faltam-professores-de-materias-especificas-nas-salas-de-aulas-do-pais.html> . > Acesso em: 14 de nov. 2017.**

13. **DUARTE, Newton. Vigotsky e o “aprender a aprender”:** crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana Newton Duarte — 2. ed. rev. e ampl. — Campinas, SP: Autores Associados, 2001. (Coleção educação contemporânea).
14. **DAVID, CM, et al., orgs. Desafios contemporâneos da educação [online].** Disponível em: <http://books.scielo.org>. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.
15. **FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.**
16. **FERRÃO CANDAU, Vera Maria. Ser professor/a hoje: novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. Educação, v. 37, n. 1, 2014.**
17. **FREIRE, Paulo. A Educação e o Processo de Mudança Social. In.: FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Campinas: Paz e terra, 1979. 12. ed. p. 14.**
18. **FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Campinas: Paz e terra. 12ª ed. 1981.**
19. **FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia-Saberes Necessários à Prática Educativa. 1996.**
20. **FANTINATO, Maria Cecilia. A construção de saberes matemáticos entre jovens e adultos do Morro de São Carlos. Revista Brasileira de Educação. 2004.**
21. **LIBÂNEO, José Carlos. Didática: velhos e novos temas. 1ª ed. 2002.**
22. **LEÃO Denise Maria Maciel, Paradigmas contemporâneos de Educação: Escola Tradicional e Escola Construtivista. Cadernos de Pesquisa, nº 107, julho/1999. Disponível em < www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf>. Acesso em 18 Out. 2017.**
23. **MANESCHY, Patrícia. Cipriano Luckesi-Tendências pedagógicas na prática escolar. 2012.**
24. **LIBANEO, Jose Carlos. Didática: Velhos e novos temas. Disponível em < <https://www.passeidireto.com/arquivo/.../didatica----velhos-e-novos-temas-Libâneo> > Acesso em 23 Out. 2017.**
25. **LIBÂNEO, José Carlos. Didática: velhos e novos temas. 1ª ed. 2002.**
26. **LEMES, Sebastião Souza de. A avaliação educacional e escolar: discutindo possibilidades, fundamentos e indicadores diante das necessidades educacionais atual. 2015.**

27. MARX, Karl, ENGELS, Friedrich. Manifesto comunista. 4^o ed. boitempo editorial. 2005.
28. MORIN, Edgar. É preciso educar os educadores. 2017.
29. MARTINS, João Carlos. Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo. Disponível em < www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=002 > Acesso em 18 Out. 2017
30. MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Formação Docente e Novas tecnologias. In: IV Congresso RIBIE. 1998, Brasília. Universidade Federal de Alagoas – Brasil. Disponível em < www.ufrgs.br/niee/eventos/RIBIE/1998/pdf/com_pos_dem/210M.pdf >. Acesso em 18 out. 2017.
31. MIRANDA, Gracy Kele. A Sociedade Contemporânea e a Influência capitalista na educação. Disponível em < <http://www.webartigos.com/artigos/a-sociedade-contemporanea-e-a-influencia-capitalista-na-educacao/92366/> >. Acesso em 24 out. 2017.
32. NAZAR, Rosa Maria Gasparini. A formação do professor, a prática reflexiva e o desenvolvimento de competências para ensinar. Disponível em < <http://universidadebrasil.edu.br/portal/a-formacao-do-professor-a-pratica-reflexiva-e-o-desenvolvimento-de-competencias-para-ensinar>>. Acesso em 19 dez. 2017.
33. PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. Revista da Faculdade de Educação, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996.
34. PLANETA. A educação dos BRICS. Disponível em: <https://www.revista-planeta.com.br/a-educacao-dos-brics/>. Acesso em: 18 de nov. 2017.
35. OLIVEIRA, MATILDE SOARES DE. A TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO: JOGOS ELETRÔNICOS EDUCATIVOS, UM DESAFIO PARA O ENSINO E A APRENDIZAGEM. Lisboa. 2015
36. SILVA, Assis. et.al. Universidade, Escola e comunidade: Aprendizagem do PIBID/ E.E.M Camilo Brasiliense no Centro de Convivência CCAD. Disponível em <<http://semanauniversitaria.unilab.edu.br/anais-2016/>> Acesso em 18 Out. 2017.

37. SANTANA, Ana Lucia. Agente Cultural. Profissões em cultura- Infoescola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/profissoes/agente-cultural/>. Acesso em: 07 de nov. 2017.
38. SOUSA, Rainer Gonçalves. O professor ao longo do tempo - História do mundo. Disponível em: <http://historiadomundo.uol.com.br/curiosidades/o-professor-ao-longo-do-tempo.htm>. Acesso em: 17 de nov. 2017.
39. SCHLESENER, AH, MASSON, G., and SUBTIL, MJD, orgs. *Marxismo (s) & educação [online]*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2016.
40. The New York Times. Carência educacional limita crescimento brasileiro | The New York Times. Disponível em :<https://noticias.uol.com.br/midiaglobal/nytimes/2010/09/05/carencias-na-educacao-limitam-o-crescimento-do-brasil.jhtm>. Acesso em: 18 de Nov. 2017.

ANEXOS

- 1) Quais os aprendizados no ensino que você tem adquirido ao longo de sua experiência como professor? Como você torna o conhecimento mais acessível aos seus alunos, tendo em vista o desenvolvimento deles como cidadãos críticos?
- 2) Quais os principais impactos sociais teriam se a instituição escolar não existisse?
- 3) Que mudanças a educação causa na mudança da realidade social dos alunos?
- 4) Na sua percepção, em que se deve fundamentar a lógica pedagógica da escola?
- 5) Qual método você considera mais eficaz para o aprendizado de seus alunos em sala de aula?
- 6) Quais sinais você percebe em seus alunos quanto a sua metodologia de ensino?

- 7) Tomando por base suas respostas anteriores, na sua reflexão, qual a importância da educação na formação social de um indivíduo e na inclusão na social?**
- 8) Qual as mudanças ocorridas quanto a didática no auxílio à prática educativa na escola Camilo Brasiliense?**
- 9) Em que contexto a escola Camilo Brasiliense se insere dentro da comunidade de Antônio Diogo?**
- 10) Qual a relação da Unilab para a escola Camilo Brasiliense?**